

**ANTONIO LUIZ GUBERT**

**INFLUÊNCIAS DO *TALIAN* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE VARGEÃO  
(SC): UM ESTUDO SOBRE VARIAÇÃO NO NÍVEL FONÉTICO**

**CURITIBA**

**2012**

**ANTONIO LUIZ GUBERT**

**INFLUÊNCIAS DO *TALIAN* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE  
VARGEÃO (SC): UM ESTUDO SOBRE VARIAÇÃO NO NÍVEL FONÉTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon

**CURITIBA**

**2012**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

## PARECER

Defesa de dissertação do mestrando ANTONIO LUIZ GUBERT para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo assinadas ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, CLARICE NADIR VON BORSTEL e ADELAIDE HERCÍLIA PESCATORI SILVA arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

**“INFLUÊNCIAS DO TALIAN NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE VARGÊÃO (SC): UM ESTUDO SOBRE VARIAÇÃO NO NÍVEL FONÉTICO”**

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON		Aprovado
CLARICE NADIR VON BORSTEL		Aprovado
ADELAIDE H. PESCATORI SILVA		aprovado

Curitiba, 16 de março de 2012

Prof. Dr. Luis Gonçales Bueno de Camargo  
Coordenador

*Para a minha família.*

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Paraná, de modo geral, e à Capes, pelo apoio ao estudo.

Aos professores e colegas do Programa, meus agradecimentos pelo conhecimento compartilhado.

À Mazé, professora de Sintaxe e coordenadora do Programa quando do meu ingresso, por ser compreensiva, humana e competente. Minha conclusão do Mestrado se devem muito à professora.

Ao atual coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística, o professor Luís Bueno, e à vice-coordenadora, professora Teresa, pelo atendimento que sempre recebi quando os procurei.

À professora Adelaide, pelas valiosas contribuições para minha pesquisa e por ser espelho de profissional para mim.

À professora Clarice, por ter aceitado avaliar este trabalho e por ter me dado importantes sugestões para o mesmo.

Ao Odair, secretário do Programa, sempre disposto a colaborar, sempre feliz, me estimulando a continuar os estudos.

Aos meus familiares, pela compreensão da minha ausência e pelo estímulo.

Aos meus amigos do mestrado, em especial à Lília, pelas horas de estudo, descontração e pelos atendimentos psicológicos (rsrs!). Cada minuto com vocês valeu muito.

Aos meus amigos de Curitiba e aos que ficaram no Velho Oeste de Santa Catarina.

Ao Zé Carlos, meu amigão, pelo muito que fez/faz por mim e pelas boas horas de diversão no VU.

A todos os informantes e contribuidores aos dados da minha pesquisa, que, no anonimato, fizeram ciência.

Em especial, à professora Odete, minha orientadora, profissional exemplar, modelo de professora e de cidadã, sempre preocupada comigo e interessada em me ajudar. Quem me dera ser como a professora! Obrigado por tudo.

E a Deus e seus ajudantes, por tudo.

*“Ó Maria, concebida sem pecado,  
rogai por nós que recorremos a vós!”*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar alguns elementos característicos da fala do povo da cidade de Vargeão (SC), município colonizado por descendentes de imigrantes da região de fala vêneta, provindos do Rio Grande do Sul, para descrever a variação fonética no idioma local causada pelo bilinguismo *talian*-português. A pesquisa segue os pressupostos teóricos sociolinguísticos, fundamentados por Labov em seus estudos (1972). Para tanto, fez-se uma análise de oitenta e duas gravações de fala espontânea, em que informantes, de ambos os sexos, de três escolaridades (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo e ensino médio) e de duas faixas etárias (de 20 a 35 anos e de mais de 45), relataram histórias da infância. Para testar se há variação/mudança em função das variáveis sociais sexo, escolaridade e faixa etária, algumas variáveis linguísticas foram selecionadas para análise, por serem consideradas as mais caracterizadoras da identidade do falante da região. São as variáveis linguísticas do estudo: a) neutralização do [r] e do [r̥]; b) alçamento do [e] e do [o] em posição átona final; c) substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õw̃], [õ] ou [ũ]; d) alternância de [ʃ] com [ʒ] e de [ʒ] com [z]; e) pronúncia da vogal [a] diante de consoante nasal e pronúncia da vogal nasal [ẽ]. Algumas variáveis independentes linguísticas foram controladas, para refinamento no resultado dos dados, como contexto seguinte de produção do segmento, por exemplo. Após transcrição dos dados, as ocorrências encontradas foram codificadas e rodadas no programa GoldVarb2001, para atribuição dos pesos relativos. Como resultado, obteve-se: a) realização do [r] predominantemente por mulheres, com ensino fundamental completo ou ensino médio, quando o contexto linguístico for anterior a consoante ou pausa; b) o uso do [ɹ] ocorre predominantemente em contexto anterior a vogais, com maior incidência na fala de homens de ensino fundamental incompleto ou ensino médio; c) encontramos o uso do [u] predominando quando o contexto linguístico anteceder a vogais ou pausa, e realizado por falantes de mais escolarizados (ensino fundamental completo ou ensino médio); d) a pronúncia de [ẽw̃] é encontrada, principalmente, em falantes homens mais jovens, e quando for seguida por contexto linguístico composto por vogal ou pausa; e) a ocorrência de [ʃ] é regular em todos os contextos e no dados de todos os falantes; f) a pronúncia de [z] também é regular em todos os contextos e em todos os falantes; g) o uso de [a] diante de consoante, ao contrário de [ẽ], é favorecido quando a vogal ocupa posição átona e quando o falante tem idade superior a 45 anos; h) os falantes mais escolarizados, com ensino fundamental completo ou ensino médio, do sexo masculino e mais jovens, tendem a utilizar mais [ẽ] que o [a]. Com os resultados é possível caracterizar linguisticamente a região e estabelecer quais influências do *talian* ainda se mantêm frente ao português brasileiro do local. Os resultados também ratificam os fundamentos sociolinguísticos de que as línguas não são uniformes.

Palavras-chave: sociolinguística, variação fonética, línguas em contato.

## ABSTRACT

This study aims to analyze some speech characteristic elements of Vargeão (SC) people, immigrant descendants from the Venetian area, who came from the state of Rio Grande do Sul. This study was conducted in order to describe the phonetic variation of the local language because of the bilingualism Talian-Portuguese, which is based on Labov's studies (1972). To reach the objective of this study, the auditory analysis of 24 recordings of the informants' spontaneous speech was made. Both male and female informants participated in the study. They were grouped according their ages, from 20 to 35 years old and over 45 years old, and to their educational level, incomplete elementary school, elementary school and high school. To collect the data, informants had to report some stories from their childhood. In order to test the changes, some linguistic aspects were used in the analysis: a) neutralization of [r] and [ɾ]; b) rising of the vowels [e] and [o] in unstressed final position; c) replacement of the stressed final nasal diphthong [ẽw̃] by [õw̃], [õ] or [ũ]; d) the alternation [ʃ]- [s] and [ʒ]- [z]; e) pronunciation of the vowel [a] before a nasal consonant and of a nasal vowel pronunciation [ẽ]. Some linguistic independent varieties were controlled, such as, following context, in order to refine the results. After data transcription, the occurrences were codified and processed under Varbrul software to get their relative weights. The results demonstrate the a) production of [ɾ] before a consonant or pause mainly by women with elementary school or high school education b) [ɾ] frequently occurs in contexts preceding vowels, more commonly among men with incomplete elementary school or high school education; c) [ʊ] is context preceding vowels or pause produced by more educated speakers with complete elementary school or high school education; d) the pronunciation of [ẽw̃] is more frequent among younger men and when it is followed by a vowel or a pause; e) the occurrence of [ʃ] is the same for all contexts and all speakers; f) the pronunciation of [ʒ] is the same in all contexts and for all speakers; g) [a] before a consonant is more frequent when the vowel occupies the unstressed position and when the speaker is over 45 years old; h) the most educated, male-younger speakers with complete elementary school or high school education prefer [ẽ] rather than [a]. According to the results, it is possible to linguistically characterize the region and to establish which Talian influences are still present in the speech of Brazilian Portuguese speakers. The results also confirm the sociolinguistic grounds that indicate that languages are not uniform.

Key-words: sociolinguistics, phonetic variation, languages in contact.

## RIASSUNTO

Questo lavoro ha l'obiettivo di analizzare alcuni elementi caratteristici del parlato degli abitanti della città di Vargeão (SC) che è stata colonizzata da discendenti di immigranti che parlavano veneto, provenienti dallo stato di Rio Grande do Sul, per descrivere la varietà fonetica nella lingua locale causata dal bilinguismo talian-portoghese. La ricerca segue i presupposti teorici sociolinguistici basati sugli studi di Labov (1972). È stata fatta perciò un'analisi dell'ascolto di 24 registrazioni di parlato spontaneo, in cui i soggetti di ambedue i sessi, di tre livelli di scolarità (scuola elementare incompleta, scuola elementare completa e scuola media) e due fasce etarie (di 20 a 35 anni e di più di 45), hanno raccontato storie della loro infanzia. Per testare se ci sono varietà/cambiamenti nelle variabili sociali di sesso, scolarità e fascia etaria, alcune varietà linguistiche sono state selezionate per la ricerca, tenendo in considerazione che sono le varietà più caratteristiche dell'identità del parlante della regione. Le varietà linguistiche dello studio sono: a) neutralizzazione della [r] e della [r̥]; b) innalzamento della [e] e della [o] in posizione tonica finale; c) sostituzione del dittongo nasale finale tonico [ẽw̃] per [õw̃], [õ] oppure [ũ]; d) alternanza di [ʃ] per [s̃] e di [ʒ] per [z̃]; e) pronuncia della vocale [a] davanti la consonante nasale e pronuncia della vocale nasale [ẽ]. Alcune variabili indipendenti linguistiche sono state controllate per raffinare il risultato del corpus, come, per esempio, il contesto posteriore del segmento. Dopo la trascrizione del corpus, le occorrenze trovate sono state codificate e inserite nel programma Varbul per l'attribuzione dei pesi relativi. I risultati sono: a) realizzazione della [r̥] predominantemente nei dati di donne con scuola elementare completa o scuola media, quando il contesto linguistico è anteriore alla consonante o alla pausa; b) l'uso della [ɪ] capita predominantemente in contesti anteriori alle vocali, con maggiore frequenza negli uomini di scuola elementare incompleta o scuola media); c) abbiamo incontrato l'uso della [u] predominante quando il contesto linguistico è anteriore a vocali o pause, e realizzato da parlanti con livello di scolarità più elevato (scuola elementare completa e scuola media); d) la pronuncia di [ẽw̃] si trova soprattutto in parlanti uomini più giovani e seguita da contesto linguistico composto da vocali o pausa; e) l'occorrenza della [ʃ] è regolare in tutti i contesti e in tutti i parlanti; f) anche l'occorrenza della [ʒ] è regolare in tutti i contesti e in tutti i parlanti; g) l'uso della [a] davanti le consonanti, al contrario della [ẽ], viene favorito quando la vocale occupa posizione atona e quando il parlante ha più di 45 anni; h) i parlanti con livello più alto di scolarità, con scuola elementare completa o media, del sesso maschile e più giovani, tendono a utilizzare più [ẽ] piuttosto a [a]. Con i risultati è possibile caratterizzare linguisticamente la regione e stabilire quali influenze del talian ancora si mantengono nel portoghese brasiliano del posto. I risultati confermano i fondamenti sociolinguistici di che le lingue non sono uniformi.

Parole chiavi: sociolinguistica, variazione fonetica, lingue a contatto.

**LISTA DE QUADROS**

<b>QUADRO 1: VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS .....</b>	<b>47</b>
<b>QUADRO 2: DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES .....</b>	<b>49</b>
<b>QUADRO 3: QUADRO SINTÉTICO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>67</b>

## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM 1:</b> IMAGEM DO ASTROBLEMA (FORMAÇÃO DE CRATERA CAUSADA POR METEORITO) DE VARGEÃO (SC) .....	14
<b>IMAGEM 2:</b> JOGO DA BOCHA (AS BOCHAS E O BALIN NA CANCHA) .....	16
<b>IMAGEM 3:</b> CONTAGEM DOS PONTOS DA PARTIDA.....	17
<b>IMAGEM 4:</b> GRUPO DE CORAL ITALIANO "PENSIERI E PAROLE" .....	18
<b>IMAGEM 5:</b> GRUPO DE CORAL ITALIANO "RITROVARE" .....	18

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS PESQUISADAS.....	53
<b>TABELA 2:</b> OCORRÊNCIAS TOTAIS DOS RÓTICOS .....	54
<b>TABELA 3:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DOS RÓTICOS – POR CONTEXTO .....	55
<b>TABELA 4:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DOS RÓTICOS – POR FAIXA ETÁRIA.....	55
<b>TABELA 5:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [r] – POR SEXO .....	55
<b>TABELA 6:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [r] - CONTEXTO LINGUÍSTICO .....	56
<b>TABELA 7:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [r] – POR ESCOLARIDADE ...	56
<b>TABELA 8:</b> NÚMERO DE OCORRÊNCIAS TOTAL DE [e] E [ɪ] .....	57
<b>TABELA 9:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [e] E DO [ɪ] – POR IDADE .....	57
<b>TABELA 10:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [e] E DO [ɪ] – CONTEXTO SEGUINTE .....	57
<b>TABELA 11:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ɪ] – POR SEXO .....	58
<b>TABELA 12:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ɪ] – POR ESCOLARIDADE .....	58
<b>TABELA 13:</b> NÚMERO DE OCORRÊNCIAS TOTAL DE [o] E [u] .....	59
<b>TABELA 14:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [o] E DO [u] – POR ESCOLARIDADE .....	59
<b>TABELA 15:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [o] E DO [u] – POR SEXO ....	59

<b>TABELA 16:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ʊ] – CONTEXTO SEGUINTE .....	60
<b>TABELA 17:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ʊ] – ESCOLARIDADE.....	60
<b>TABELA 18:</b> NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DOS DITONGOS NASAIS FINAIS TÔNICOS.....	61
<b>TABELA 19:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DOS DITONGOS – POR ESCOLARIDADE .....	61
<b>TABELA 20:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ẽw̃]– POR IDADE .....	61
<b>TABELA 21:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ẽw̃] – POR CONTEXTO SEGUINTE.....	62
<b>TABELA 22:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO[ẽw̃] – POR SEXO .....	62
<b>TABELA 23:</b> NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE [ʃ] E [s] .....	63
<b>TABELA 24:</b> NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE [ʒ] E [z].....	63
<b>TABELA 25:</b> NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DA VOGAL [a] DIANTE DE CONSOANTE NASAL.....	64
<b>TABELA 26:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [a] DIANTE DE NASAL– POR SEXO .....	64
<b>TABELA 27:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [a] DIANTE DE NASAL– POR ESCOLARIDADE .....	64
<b>TABELA 28:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [a] DIANTE DE NASAL– TONICIDADE .....	64
<b>TABELA 29:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [a] DIANTE DE NASAL– IDADE .....	65
<b>TABELA 30:</b> NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DA VOGAL [ẽ].....	65
<b>TABELA 31:</b> NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DA VOGAL [ẽ] - TONICIDADE.....	65
<b>TABELA 32:</b> RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ẽ] – ESCOLARIDADE.....	66

**TABELA 33:** RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ẽ] – SEXO .....66

**TABELA 34:** RESULTADO DE OCORRÊNCIA DO [ẽ] – IDADE .....67

**LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS**

- [ ' ] – acento primário;
- [ ~ ] – sinal de nasalidade;
- [ . ] – fronteira de sílaba;
- [ a ] – vogal anterior, baixa, aberta;
- [ ɑ ] – vogal posterior, médio-baixa, meio-aberta;
- [ ɐ ] – vogal central, médio-baixa, meio-aberta;
- [ ɛ ] – vogal anterior, médio-baixa, meio-aberta;
- [ e ] – vogal anterior, média-alta, meio-fechada;
- [ ɪ ] – vogal anterior, alta, fechada, reduzida;
- [ i ] – vogal anterior, alta, fechada;
- [ j ] – aproximante palatal (semivogal);
- [ ɔ ] – vogal posterior, média-baixa, meio-aberta;
- [ o ] – vogal posterior, média-alta, meio-fechada;
- [ u ] – vogal posterior, alta, fechada, reduzida;
- [ u ] – vogal posterior, alta, fechada;
- [ w ] – aproximante velar (semivogal);
- [ b ] – consoante oclusiva, bilabial, vozeada;
- [ p ] – consoante oclusiva, bilabial, desvozeada;
- [ k ] – consoante oclusiva, velar, desvozeada;
- [ g ] – consoante oclusiva, velar, vozeada;
- [ t ] – consoante oclusiva, alveolar, desvozeada;
- [ d ] – consoante oclusiva, alveolar, vozeada;
- [ v ] – consoante fricativa, labiodental vozeada;
- [ f ] – consoante fricativa, labiodental, desvozeada;
- [ l ] – consoante lateral, alveolar, vozeada;

- [r] – consoante vibrante, alveolar, vozeada;
- [ɾ] – consoante *tap*, alveolar, vozeada;
- [s] – consoante fricativa, alveolar, desvozeada;
- [z] – consoante fricativa, alveolar, desvozeada;
- [ʃ] – consoante fricativa, alveopalatal, desvozeada;
- [ʒ] – consoante fricativa, alveopalatal, vozeada;
- [ɣ] – consoante fricativa, retroflexa, desvozeada;
- [ʒ̄] – consoante fricativa, retroflexa, vozeada;
- [m] – consoante nasal, bilabial, vozeada;
- [n] – consoante nasal, alveolar, vozeada;

## O ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL (REVISADO EM 2005)

CONSONANTS (PULMONIC)

© 2005 IPA

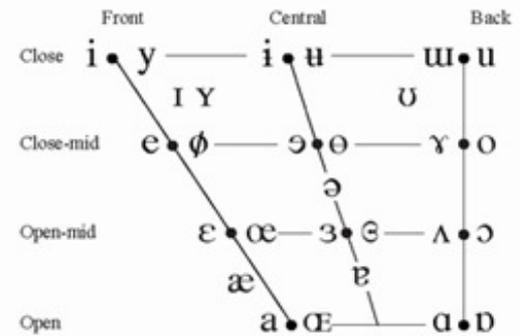
	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Post alveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill		ʙ		ɾ					ʀ		
Tap or Flap		ⱱ		ɽ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a voiced consonant. Shaded areas denote articulations judged impossible.

CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Clicks	Voiced implosives	Ejectives
◌͡	ɓ Bilabial	ʼ Ejectives
	ɗ Dental/alveolar	ɓ' Bilabial
! (Post)alveolar	ɟ Palatal	t' Dental/alveolar
≠ Palatoalveolar	ɠ Velar	k' Velar
Alveolar lateral	ɣ Uvular	s' Alveolar fricative

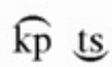
VOWELS



Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a rounded vowel.

OTHER SYMBOLS

- ʍ Voiceless labial-velar fricative
  - ʋ Voiced labial-velar approximant
  - ɥ Voiced labial-palatal approximant
  - ħ Voiceless epiglottal fricative
  - ʕ Voiced epiglottal fricative
  - ʡ Epiglottal plosive
  - ɕ ʑ Alveolo-palatal fricatives
  - ɻ Voiced alveolar lateral flap
  - ɥj Simultaneous ɥ and j
- Affricates and double articulations can be represented by two symbols joined by a tie bar if necessary.



SUPRASEGMENTALS

- ˈ Primary stress
  - ˌ Secondary stress
  - ː Long
  - ˑ Half-long
  - ˚ Extra-short
  - ◌̥ Minor (foot) group
  - ◌̦ Major (intonation) group
  - ◌̣ Syllable break
  - ◌̤ Linking (absence of a break)
- Example: ˌfouṇəˈtɪʃən

DIACRITICS Diacritics may be placed above a symbol with a descender, e.g. ɨ̯

◌̥	Voiceless	◌̥	Breathy voiced	◌̤	Dental
◌̦	Voiced	◌̧	Creaky voiced	◌̨	Apical
◌̧	Aspirated	◌̩	Linguotubial	◌̪	Laminal
◌̨	More rounded	◌̫	Labialized	◌̬	Nasalized
◌̩	Less rounded	◌̭	Palatalized	◌̮	Nasal release
◌̪	Advanced	◌̯	Velarized	◌̰	Lateral release
◌̫	Retracted	◌̱	Pharyngealized	◌̲	No audible release
◌̬	Centralized	◌̳	Velarized or pharyngealized		
◌̭	Mid-centralized	◌̴	Raised	◌̵	(ɹ̥ = voiced alveolar fricative)
◌̮	Syllabic	◌̶	Lowered	◌̷	(β̥ = voiced bilabial approximant)
◌̯	Non-syllabic	◌̸	Advanced Tongue Root		
◌̰	Rhoticity	◌̹	Retracted Tongue Root		

TONES AND WORD ACCENTS LEVEL

- ◌̥ Extra high
- ◌̦ High
- ◌̧ Mid
- ◌̨ Low
- ◌̩ Extra low
- ◌̪ Downstep
- ◌̫ Upstep
- ◌̬ Rising
- ◌̭ Falling
- ◌̮ High rising
- ◌̯ Low rising
- ◌̰ Rising-falling
- ◌̱ Global rise
- ◌̲ Global fall

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>VI</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>VIII</b>
<b>RIASSUNTO .....</b>	<b>VIII</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>IX</b>
<b>LISTA DE IMAGENS .....</b>	<b>X</b>
<b>LISTA DE TABELAS .....</b>	<b>XI</b>
<b>LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS .....</b>	<b>XIV</b>
<b>O ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL .....</b>	<b>XVI</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>1</b>
<b>1 A PESQUISA .....</b>	<b>2</b>
<b>1.1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>2</b>
1.2 JUSTIFICATIVA .....	5
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA .....	6
1.4 HIPÓTESE .....	7
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>8</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>9</b>
2.1 O <i>TALIAN</i> NO CONTEXTO HISTÓRICO-LINGUÍSTICO DA REGIÃO EM ESTUDO.....	9
2.1.1 A imigração europeia para a região Sul do Brasil .....	9
2.1.2 O <i>talian</i> ou vêneto brasileiro.....	10
2.1.3 A repressão linguística na Era Vargas .....	11
2.1.4 A comunidade linguística pesquisada .....	12
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>19</b>
<b>3 TRAÇOS FONÉTICOS RELEVANTES AO ESTUDO .....</b>	<b>20</b>
3.1 SEGMENTOS DO PB .....	20
3.1.1 Segmentos consonantais .....	20
3.1.2 Segmentos vocálicos .....	21
3.1.3 Glides .....	22
3.1.4 Ditongos .....	22
3.1.4.1 Ditongos crescentes .....	22
3.1.4.2 Ditongos decrescentes .....	23
3.2 SOBRE OS SEGMENTOS EM ESTUDO .....	23

3.2.1 Os sons de /r/ ou róticos .....	23
3.2.2. O (não) alçamento da vogal anterior, média-alta, meio-fechada [e] e da vogal posterior, média-alta, meio-fechada [o] em posição átona final .....	25
3.2.3 Sobre o ditongo nasal final tônico [ẽw̃] .....	27
3.2.4 Realização da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] e da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ] .....	29
3.2.5 Pronúncia da vogal anterior, baixa, aberta [a] seguida de consoante nasal e da vogal nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ̃] .....	30
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>32</b>
<b>4 QUADRO TEÓRICO .....</b>	<b>33</b>
4.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA .....	33
4.1.1 Modelo de análise a partir de regras variáveis .....	36
4.1.2 Labov e as pesquisas sobre variação de fala .....	36
4.1.3 Sobre bilinguismo e bilingualidade na cidade em estudo .....	37
4.1.4 Sobre diglossia na cidade em estudo .....	37
<b>CAPÍTULO V.....</b>	<b>42</b>
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>43</b>
5.1 AS VARIÁVEIS .....	43
5.1.1 Variáveis dependentes.....	43
5.1.1.1 Neutralização da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] e da consoante tap, alveolar, vozeada [ɾ] .....	43
5.1.1.2 O (não) alçamento da vogal anterior, média-alta, meio fechada [e] e da vogal posterior, média-alta, meio-fechada [o] em posição átona final .....	44
5.1.1.3 Substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õw̃], [õ] ou [ũ] .....	45
5.1.1.4 Alternância da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] com a consoante fricativa, retroflexa, desvozeada [ʂ] e da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ] com a consoante fricativa, retroflexa, vozeada [ʒ̃] .....	46
5.1.1.5 Pronúncia da vogal anterior, baixa, aberta [a] diante de consoante nasal e pronúncia da vogal nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ̃] .....	46
5.1.2 Variáveis independentes .....	47
5.1.2.1 Variáveis independentes de natureza linguística .....	47
5.1.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas .....	48
5.1.2.2.1 Variação diastrática .....	48
5.1.2.2.2 Variação diassexual.....	48

5.1.2.2.3 Variação diageracional .....	48
5.3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO .....	49
<b>CAPÍTULO VI.....</b>	<b>52</b>
<b>6 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>53</b>
6.1 RODADAS DOS DADOS .....	53
6.2 ANÁLISE DO RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	53
6.2.1 Variável “Neutralização da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] e da consoante <i>tap</i> , alveolar, vozeada [ɾ]” .....	54
6.2.2 Variável “O (não) alçamento da vogal anterior, média-alta, meio fechada [e] e da vogal posterior, média-alta, meio-fechada [o] em posição átona final” .....	57
6.2.3 Variável “Substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õw̃], [õ] ou [ũ]” .....	60
6.2.4 Variável “Alternância da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] com a consoante fricativa, retroflexa, desvozeada [ʂ] e da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ] com a consoante fricativa, retroflexa, vozeada [ʒ̣]” .....	60
6.2.5 Variável “Pronúncia da vogal anterior, baixa, aberta [a] diante de consoante nasal e pronúncia da vogal nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ̃]” .....	63
6.3 QUADRO SINTÉTICO DOS RESULTADOS .....	67
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>80</b>

## CAPÍTULO I

### A PESQUISA

*...sol per trovare una verginella,  
e ciomba la ri la re la,  
e viva l'amor.  
"La Verginella"(Anzolin)*

# 1 A PESQUISA

## 1.1 INTRODUÇÃO

Vargeão é um pequeno município (166,72 km<sup>2</sup>) localizado na região Oeste do Estado de Santa Catarina, colonizado por descendentes de italianos oriundos do Rio Grande do Sul na década de 30. Segundo o Censo de 2010, o número médio de habitantes é de 3535, sendo que 1711 (48,4%) residem na zona rural e 1824 (51,6%) residem na zona urbana. Há, portanto, um equilíbrio na distribuição da população, o que geralmente não acontece nos municípios, com maior proporção de moradores na zona urbana.

O município recebeu esse nome por estar situado dentro de uma vargem grande, um *vargeão/varjão*, cercada por montanhas. Mais tarde, cientistas da USP atestaram que essa vargem, na verdade, é uma cratera formada pelo impacto de um meteorito que atingiu a Terra há milhões de anos. Muitos turistas visitam a cidade para ver de perto a cratera e as areias medicinais que afloraram com o impacto.

Não só o fato de a cidade ser fundada dentro da cratera de um meteorito torna o local peculiar. A história, a cultura, a língua de Vargeão são fortemente marcadas pelas heranças deixadas pelos colonizadores e são caracterizadoras da identidade da cidade, que se diferencia, por este motivo, de algumas cidades da região. Neste estudo, trataremos de analisar as peculiaridades linguísticas do local, as que identificam o falante vargeonense como usuário de um dialeto marcado pelas influências do idioma do colonizador, no caso, as influências que o *talian* deixa para o português brasileiro da região.

Imigrantes italianos de diversas regiões da Itália, ao chegar ao Brasil para buscar melhores condições de vida, foram alojados em colônias, sem haver uma separação de moradores por região de origem. Como a maior parte dos imigrantes era da região vêneta, uma língua de comunicação foi criada para atender todos os propósitos comunicativos dos falantes, e aí nasce o *talian*. O *talian*, portanto, é fruto da mistura de vários dialetos da Itália, como o vêneto, o lombardo, o friulano e o trentino.

Como as famílias eram numerosas, as terras no Rio Grande do Sul começaram a ficar escassas e os descendentes dos imigrantes italianos necessitaram buscar novas propriedades para habitar e plantar. Muitos desses

descendentes partem em busca de novas terras no Oeste de Santa Catarina, região que ainda não tinha sido completamente explorada e possuía terras férteis e adequadas para a produção de alimentos para as famílias. Muitos descendentes participam de missões promovidas por colonizadoras, espécie de empresa contratada pelo governo para colonizar as terras. O município de Vargeão, inclusive, foi colonizado, em um primeiro momento, por uma dessas empresas, a Colonizadora Cruzeiro. A colonizadora abriu espaço para a entrada de outros descendentes, que chegaram em grande número após a notícia da existência das terras boas.

Além de cultivar as novas terras e dar às famílias boas condições de vida, os imigrantes também queriam que a nova morada fosse um lugar onde se sentissem em casa, próximos de seus familiares e antepassados. Não havia modo melhor para criar este ambiente familiar do que preservar a cultura e a língua das famílias. Então, na maior parte das situações comunicativas, se usava o *talian*, como marca distintiva de um descendente italiano frente a um brasileiro. As comidas típicas, os jogos, as tradições religiosas, as canções folclóricas, também eram indispensáveis para se manter um ambiente que relembresse a Itália.

Com o passar dos tempos, o uso do *talian* foi diminuindo no município, já que começaram a chegar imigrantes de outras ascendências que não falavam a língua e as necessidades comunicativas se reduziram. Além disso, como relatam alguns informantes, as novas gerações de descendentes passaram a não ter mais interesse em aprender o idioma, que perdeu grande parte de sua funcionalidade. Outro aspecto importante a se considerar no enfraquecimento do *talian* se deve ao fato de, no governo de Getúlio Vargas, ter havido uma política de valorização do idioma nacional e um repúdio aos falares estrangeiros, considerados como inadequados, feios, inclusive com duras repressões para quem desobedecesse às ordens.<sup>1</sup> A tentativa de valorização do nacional, com a conseqüente repressão de quem não se enquadrasse no sistema, fez com que muitos falantes fluentes deixassem de usar suas línguas de origem e, mesmo após o governo getulista ter acabado, continuaram a se enquadrar nas antigas determinações. Diante de todo esse cenário, o idioma passou a ser usado somente em situações familiares, por falantes mais velhos, ou pelos mais novos quando inserem algum item lexical da língua em um diálogo em português.

---

<sup>1</sup> Para maiores informações, ver Ilari & Basso (2007).

Contudo, mesmo havendo esse enfraquecimento do *talian*, ainda seria possível encontrar na língua local resquícios da língua dos colonizadores. Esse estudo tratará de investigar quais heranças da estrutura fonética do *talian* ainda se fazem presentes na língua falada hoje pelos habitantes do município, verificando-se se há ou não diferença nos usos entre falantes. Aspectos lexicais e sintáticos não serão abordados na pesquisa, mas podem servir de tema para futuras investigações.

A fundamentação teórica deste estudo tem por base as teorias sociolinguísticas de Labov (1972), e busca analisar se há variação e/ou mudança da língua local em consequência de fatores linguísticos e sociais, e segue parâmetros de pesquisa utilizados para o italiano/dialetos da Itália abordados por Frosi & Mioranza (1983), Mescka (1983), Altenhofen (2002), Spessato (2001), Margotti (2004), que são as referências básicas do estudo. Nossa pesquisa tem como corpus material digital de fala coletado através de gravação de 24 entrevistas de informantes de ambos os sexos, de duas faixas etárias e de três graus de escolaridade, para atestar se há diferenças na fala em algum grupo citado frente a outro. Algumas variáveis linguísticas foram escolhidas para serem pesquisadas no corpus, por serem mais significativas na caracterização do falante da cidade. A pronúncia dos róticos (a alternância da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] e da consoante *tap*, alveolar, vozeada), dos ditongos nasais finais tônicos [ẽw̃], [õw̃], [õ] ou [ũ], a (não) nasalização da vogal anterior, baixa, aberta [a], o (não) alçamento da vogal anterior média-alta, meio-fechada [e] e da vogal posterior, média-alta, meio fechada [o], a variação de pronúncia da consoante fricativa, alveopalatal, vozeada [ʒ] e da consoante fricativa, alveopalatal, desvozeada [ʃ], foram as variáveis escolhidas. Para análise dos dados, foi usado o pacote de programas computacionais “GoldVarb2001”, comumente utilizado em Sociolinguística, pois atribui pesos relativos às ocorrências dos dados codificados, permitindo uma análise linguística mais adequada do que a obtida se analisarmos os dados em programas estatísticos convencionais, que trabalham com percentuais.

Após as rodadas dos dados, será possível fazer uma análise de como as variáveis linguísticas são produzidas pelos falantes de Vargeão, verificando-se se há diferenças nos resultados nos três fatores sociais pesquisados (sexo, escolaridade e

faixa etária). Analisados os resultados, teremos uma descrição em tempo aparente de como é a língua na cidade pesquisada e se, de fato, as heranças do *talian* para a fonética do local ainda perduram.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A região Oeste do estado de Santa Catarina é uma região linguisticamente diversa. Possui uma grande variedade de dialetos em uso, resultados do contato da língua dos colonizadores com a língua local. No caso da cidade escolhida para o estudo, a cidade de Vargeão, a influência é provinda do *talian*; mas também podemos encontrar cidades com dialetos marcados pelo contato com a língua alemã, como São Carlos, ou pelo contato com o espanhol, como o município de Dionísio Cerqueira, que faz fronteira com a Argentina, por exemplo.

A relevância de se fazer um estudo sobre os falares da região, buscando heranças da língua dos colonizadores nos padrões da língua nacional, reside no fato de que os estudos linguísticos, no espaço geográfico delimitado para a pesquisa, ainda são insipientes, não descrevendo com propriedade elementos distintivos dos falantes do local frente aos demais falantes do estado. Sobre a cidade em estudo, especificamente, não há nenhum estudo relativo à língua. A carência desses estudos na região se deve, em sua grande parte, ao fato de haver poucos profissionais que trabalham com pesquisa linguística vivendo no local, ou pesquisadores de outras regiões com interesse em pesquisar os referidos dialetos.

A presente pesquisa, além de pôr em relevo traços linguísticos da língua em uso no local, também trará à tona o percurso histórico da língua neste espaço, na perspectiva que toma a língua como construto histórico que se estabelece de geração a geração, através da interação entre os sujeitos. Portanto, muito além de levantar dados linguísticos, essa pesquisa também resgatará parte da história e da cultura da cidade, já que não se pode caracterizar um falante se não analisarmos todo o contexto social em que o mesmo está contido, porque a língua é fruto exatamente da interação dos falantes com as práticas sociais.

Este estudo, então, pretende contribuir para um mapeamento linguístico da região e fornecer dados para as teorias linguísticas em geral, principalmente às áreas de Fonética e Sociolinguística. Também pretende trazer contribuições

significativas para a área da Educação, que pode se valer dos dados e resultados obtidos nessa pesquisa para as práticas de ensino e de aprendizado, especialmente criando relações entre o que as gramáticas normativas prescrevem sobre língua e o que realmente é a língua em uso no local da pesquisa.

Entretanto, as possibilidades de pesquisas linguísticas na região não se esgotarão com este estudo. Há muito ainda que ser pesquisado, principalmente no campo de variação nos níveis morfossintático e prosódico. Além disso, apenas um município foi escolhido para a pesquisa, o que é pouco se consideramos a riqueza de dialetos existentes na região. Novas pesquisas e pesquisadores serão bem-vindos, porque é necessário identificar e caracterizar os dialetos locais, evitando as generalizações que frequentemente ocorrem sobre a língua e os falantes desse espaço.

### 1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Analisando o material da coleta de dados e sabendo que o português brasileiro da cidade de Vargeão é marcado pela influência dos dialetos italianos (no caso do estudo, influenciado pelo *talian*, dialeto fruto da mistura do vêneto com lombardo e outros dialetos minoritários), constitui-se como objetivo geral da pesquisa o de *analisar alguns elementos característicos da fala do povo da cidade de Vargeão (SC), município colonizado por descendentes dos imigrantes da região de fala vêneta, provindos do Rio Grande do Sul, para descrever a variação fonética no idioma local causada pelo bilinguismo talian-português.*

E para desenvolver o objetivo principal, temos como objetivos específicos os seguintes:

- Levantar dados sobre a identidade linguística de parte da população vargeonense;
- Verificar o domínio dos falantes da cidade em relação aos aspectos linguísticos do *talian* frente aos do português brasileiro;
- Caracterizar elementos constitutivos e distintivos dos falares como heranças dos antepassados, com base nas variáveis em estudo (neutralização da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] e da consoante *tap*, alveolar,

vozeada [r]; o (não) alçamento da vogal anterior, média-alta, meio-fechada [e] e da vogal posterior, média-alta, meio-fechada [o] em posição átona final; substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õw̃], [õ] ou [ũ]; alternância da produção da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] com a da consoante fricativa, retroflexa, desvozeada [ʂ]; alternância da produção da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ] com a da consoante fricativa, retroflexa, desvozeada [ʒ̄]; pronúncia da vogal anterior, baixa, aberta [a] seguida de consoante nasal e pronúncia da vogal nasal, posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ]).

- Contribuir para uma melhor descrição das variedades do português brasileiro.

#### 1.4 HIPÓTESE

Considerando-se os objetivos deste trabalho, as variáveis que serão controladas e a partir dos parâmetros aplicados de análise e coleta de dados, a hipótese norteadora deste estudo é a de que *a aplicabilidade dos padrões fonéticos do talian no português brasileiro em Vargeão (SC) tem variado, em um movimento que favorece a perda das características do idioma talian frente ao português.*

## CAPÍTULO II

### CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

*Quel mazzolin di fiori  
che vien dalla montagna,  
e guarda ben che non si bagna  
che lo voglio regalar...*  
“Quel mazzolin di fiori” (Anzolin)

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

### 2.1 O *TALIAN* NO CONTEXTO HISTÓRICO-LINGUÍSTICO DA REGIÃO EM ESTUDO

#### 2.1.1 A imigração europeia para a região Sul do Brasil

A imigração dos europeus para as terras brasileiras se deu, em maior proporção, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX. Italianos, alemães, poloneses, espanhóis, açorianos, saíram de seus países motivados, muito além da necessidade de progresso, por fatores políticos e sociais.

Se por um lado no Brasil havia a política de substituição da mão-de-obra escrava pela de trabalhadores europeus assalariados, numa estratégia que visava, além de reduzir o número de negros e mulatos, “branqueando” o país (IANNI 1979, p. 12), à elevação da economia, através do agregamento de técnicas, na Itália a situação da emigração da população rural era quase que necessária, uma vez que o país passava por grandes necessidades e não havia terras o suficiente para as famílias, nem tampouco empregos nas cidades.

Na Itália, os camponeses recebiam terras para trabalhar mediante a entrega de uma terça parte ou mesmo da metade do que colhiam aos proprietários delas. Essas terras eram chamadas de *campi* e compreendiam à área de 1 hectare. Cada família recebia um só *campo*, espaço que, mesmo fértil, revelava-se insuficiente para retirar dele todo o sustento de que uma família precisava. (BUSANELLO, 1999, p.8)

Os imigrantes pobres rumavam, em número incalculável, para outros países, principalmente de além-mar (DE BONI; COSTA, 1984, p. 53). No Brasil, se assentaram principalmente nas lavouras de café de São Paulo e Espírito Santo e, no Sul do país, inicialmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Como a região Sul do Brasil ainda não estava totalmente explorada, já que não havia gente o suficiente para isso, muitos dos imigrantes italianos que aqui chegaram se tornaram os proprietários das terras, principalmente terras da encosta superior Norte gaúcha ou borda do Planalto Sul, já que as outras terras já haviam sido ocupadas pelos alemães, que haviam chegado anteriormente. Não demorou muito para que as terras ocupadas pelos imigrantes e seus descendentes se

tornassem escassas, porque as famílias eram muito numerosas ou as terras ocupadas não eram tão férteis. Com isso, muitos descendentes se deslocaram em busca de novas terras, estendendo-se a ocupação, no Rio Grande do Sul, até o Rio Uruguai e Região Nordeste e, em seguida, o Centro-Oeste de Santa Catarina, Sudoeste<sup>2</sup> e Oeste do Paraná.<sup>3</sup>

### 2.1.2 O *talian* ou vênето brasileiro

De acordo com Luzzato (1994):

Dos imigrantes italianos que colonizaram o Sul do Brasil, aproximadamente 95% eram provenientes do Vênето, do Trentino-Alto Ádige, do Friuli-Venezia Giulia, isto é, do Tri-Vênето, e da Lombardia. Desses imigrantes, 60% possuíam a língua e cultura vênéticas. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma: o vênето. Quando aqui chegaram foram instalados em colônias, sem respeitar a origem de cada família. Assim, uma família trentina de Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de Pordenone, de um lado, e de outra lombarda, de Bérgamo, com várias famílias vênéticas ao seu redor. Evidentemente, era preciso entender-se. Daí resultou uma língua de comunicação, uma *coiné*, muito mais vênética que lombarda, ou friulana, ou trentina, pois vênética era a maioria. (LUZZATO, 1994, p. 21-23)

Entendendo uma *coiné* como a fusão de dois grupos linguísticos representativos, no caso o vênето e o lombardo, no Sul do Brasil tem origem o *talian* ou *coiné vênética* (italiano-brasileiro ou vênето-brasileiro<sup>4</sup>). Como os vênéticos eram maioria, seu dialeto e costumes prevaleceram sobre os demais tipos (lombardos, friulanos, etc.). Dessa forma, esse dialeto modificado, fruto do contato com outros dialetos, deu origem ao *talian*, uma espécie de língua de comunicação, com características de língua oral.

Com o contato dos imigrantes com falantes de língua portuguesa, houve uma perda do monolinguismo da língua de origem. Além disso, os imigrantes tiveram de aprender a língua portuguesa, em início como segunda língua, depois passando ao bilinguismo. A sucessão de transformações linguísticas acaba por desfavorecer o uso do *talian*. Hoje em dia, são poucos os falantes bilíngues e numerosos os falantes que apenas inserem, durante um discurso em sua língua materna, alguns

---

<sup>2</sup> Cf. Koch (2000, p. 56) e Vandresen (1982, p. 28-29), *apud* Margotti (2004, p. 36).

<sup>3</sup> Cf. Von Borstel (2004, p. 70).

<sup>4</sup> Ambos os conceitos são encontrados em Margotti (2004, p. 38-39)

itens lexicais do *talian*, os chamados falantes *inseridores*<sup>5</sup>. Resta-nos investigar qual a herança que o *talian* deixa ao português brasileiro.

### 2.1.3 A repressão linguística na Era Vargas

Getúlio Vargas, gaúcho de São Borja, governou o Brasil, num primeiro mandato, de 3 de novembro de 1930 até 29 de outubro de 1945, e, num segundo mandato, de 31 de janeiro de 1951 até 24 de agosto de 1954, quando se suicidou com um tiro no coração, em seu quarto, no Palácio do Catete, na cidade do Rio de Janeiro. Foi o líder civil da Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha. Era conhecido pelos seus seguidores como “o pai dos pobres”, título criado pelo seu Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, enfatizando o fato de Getúlio ter criado muitas das leis sociais e trabalhistas brasileiras.

A criação do DIP tinha como propósito popularizar a imagem de Vargas como o grande salvador do Brasil. O DIP controlava a divulgação da imagem do presidente através de jornais, revistas, cartilhas escolares e programas de rádio. Contudo, para que sempre fosse exibida uma imagem positiva do presidente, os meios de comunicação necessitaram ser manipulados e censurados e o povo brasileiro acabou por ceder aos ideários nacionalistas de Vargas e, como consequência, perseguir os que não se enquadravam neste sistema.

Getúlio Vargas e outros políticos e escritores da época seguiam ideologias nazifascistas, assumindo uma postura eugenista, que visava o aprimoramento da raça humana pela seleção de indivíduos. Assim, procurou implantar no Brasil um estereótipo nacionalista, como implantado nos Estados Unidos e posteriormente por Hitler na Alemanha. (TRENTO, 2006, p. 21)

O modelo nacionalista getuliano teve fortes impactos sobre a língua dos imigrantes, que foram forçados a falar a língua oficial do Brasil e esquecer seu idioma de origem. Os que resistiam em falar o idioma estrangeiro eram severamente punidos.

---

<sup>5</sup> Cristóvão-Silva (1988). Sobre os *falantes inseridores*, ver mais detalhes adiante, na seção *Fundamentação teórica*.

Entre 27 de janeiro de 1942 e 27 de janeiro de 1943 foram realizadas 1227 detenções e abertos 27 inquéritos por reincidência do uso do idioma alemão ou italiano em Santa Catarina, conforme relatório do delegado de Ordem Política e Social, Antonio de Lara Ribas. (FAVERI, 2002, p. 72)

Para que essa política de nacionalização tivesse maior efeito, os locais de divulgação e produção do conhecimento deveriam seguir e propagar os ideários getulistas. Para isso,

Escolas étnicas foram fechadas ou tiveram seu material didático em língua estrangeira recolhido, passando a ser obrigatório o ensino em língua portuguesa; tais medidas foram justificadas pelo decreto 406, de maio de 1938, onde ficou decretado que todo material utilizado na escola fosse em português, que todos os professores e diretores fossem brasileiros natos, que nenhum livro, revista ou jornal circulasse em língua estrangeira. Pelo decreto 1025 de 25 de agosto de 1939, os secretários estaduais de educação deveriam construir e manter escolas em áreas de colonização, fiscalizar o ensino de línguas estrangeiras, bem como intensificar o ensino de História e Geografia do Brasil, tornando-se assim inviável a perpetuação cultural e linguística destes imigrantes, os quais se limitaram a falar em sua língua materna apenas no núcleo familiar, ainda às escondidas. (TRENTO, 2006, p. 24)

Devido às práticas de proibição e de castigo, as línguas estrangeiras se enfraqueceram, diminuindo significativamente o número de falantes fluentes e, conseqüentemente, as práticas comunicativas nessas línguas. Se não fossem essas atitudes radicais do governo, quiçá poderíamos ser/ter um povo mais plurilíngue.

#### 2.1.4 A comunidade linguística pesquisada

Vargeão é um pequeno município (166,72 km<sup>2</sup>) localizado no Alto Vale do Rio Irani, região Oeste do Estado de Santa Catarina. Segundo o Censo de 2010, do total de 3535 habitantes do município, 1711 (48,4%) residem na zona rural e 1824 (51,6%) residem na zona urbana. Portanto, há um equilíbrio de distribuição da população entre as zonas, o que não acontece na maioria dos municípios, que geralmente apresentam maior concentração de habitantes na zona urbana.

O nome “Vargeão” foi atribuído ao município porque a cidade está localizada em uma grande *vargem* ou *várzea*, uma porção plana de terras (localizada entre

montanhas, no caso)<sup>6</sup>. Como a referida porção de terras é grande, a palavra *vargem* foi empregada e adotada, pelos colonizadores, no aumentativo. Podemos exemplificar o processo de criação da palavra *Vargeão* do seguinte modo:

$$/'varzẽ/ \rightarrow ['varze] + /ẽw/ = /var'zeẽw/ \text{ e } [var'zẽw]$$

No esquema acima, vemos que o vocábulo *vargem* é pronunciado pelos colonizadores como *varge*, com a perda da nasalidade da terminação *-em*, fenômeno de perda comum em alguns dialetos. Acrescentando o sufixo aumentativo *-ão* no novo vocábulo *varge*, para indicar a porção grande de terras, obtiveram *vargeão*, pronunciado geralmente como *varjão*.

Outra hipótese considerável para a criação da palavra *Vargeão* pode ser esquematizada do seguinte modo:

$$/'varzẽ/ + /ẽw/ \rightarrow /var'zẽẽw/ \rightarrow /var'zeẽw/ \rightarrow [var'zeẽw]$$

No esquema acima, o vocábulo *vargem* recebe o sufixo aumentativo *-ão*. Um novo vocábulo é gerado, pronunciado [var'zẽẽw]. Em seguida, uma regra de desnasalização é aplicada para o [ẽ], gerando [var'zeẽw].

Das duas hipóteses para a criação da palavra, a que parece mais verossímil é a primeira, tendo-se em vista o uso recorrente da palavra *varge* no dialeto local, pronunciada como ['varze], na maioria das vezes.

Conforme já citado anteriormente na Introdução deste trabalho, pesquisadores da Universidade de São Paulo atestaram que a referida *vargem* é, na verdade, uma cratera criada pela queda de um meteorito que atingiu a região há milhões de anos. Essa descoberta dos cientistas propiciou o desenvolvimento do setor turístico na cidade.

<sup>6</sup> Há também, na região, a cidade de Vargem Bonita, exemplificando mais um emprego do vocábulo *vargem*. A pronúncia mais recorrente para o vocábulo *vargem* do nome do município é ['varze].

IMAGEM 1: IMAGEM DO ASTROBLEMA (FORMAÇÃO DE CRATERA CAUSADA POR METEORITO) DE VARGEÃO (SC)<sup>7</sup>



Fonte: Álvaro P. Crósta (2003)

O município teve seu início por volta de 1938, com o desbravamento das terras por meio da Colonizadora Cruzeiro<sup>8</sup>, que trouxe os primeiros habitantes para as terras. Os colonizadores eram oriundos do Rio Grande do Sul, de regiões cercanas a Santa Rosa e, na maior parte, descendentes de italianos bilíngues português-*talian*. Somente em 16 de março de 1964, através da Lei Estadual n° 954 é criado o Município de Vargeão, com instalação definitiva em 21 de abril do mesmo ano.

A primeira escola foi criada no dia 12 de março de 1950 e era uma espécie de associação mantida pela comunidade. Conforme as turmas avançavam foram criadas novas escolas; contudo, somente em 1993 foi implantado o Ensino Médio no município. Até essa data, quem quisesse avançar nos estudos deveria estudar fora,

---

<sup>7</sup> Dados do Landsat ETM+ processados por Alvaro P. Crósta, Instituto de Geociências da UNICAMP – 2003, disponíveis no *site*: [http://vsites.unb.br/ig/galeria/029c\\_DomoVargeaoSC\\_2.htm](http://vsites.unb.br/ig/galeria/029c_DomoVargeaoSC_2.htm). Acessado em 23 dez. 2011

<sup>8</sup> Espécie de empresa indicada e contratada pelo governo, com a finalidade de colonizar terras e vendê-las para colonos. Outro exemplo que pode ser citado de município criado pela ação de uma colonizadora, agora aqui no Paraná, é a cidade de Cianorte, no norte do estado. Cianorte foi fundada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – da qual herdou o nome: Cia (Companhia) e norte (de Norte do Paraná) – em 26 de Julho de 1953. (Dados do *site* do município: [www.cianorte.pr.gov.br](http://www.cianorte.pr.gov.br))

em municípios próximos. Muitas famílias mandavam seus filhos, ou pelo menos um deles, para estudar em seminários (os homens) ou conventos (mulheres).

A primeira igreja foi construída em 1953, e, como a escola, foi erguida em mutirão comunitário. O primeiro padre chegou em 1946, iniciando as práticas religiosas da igreja católica no local. As primeiras missas eram rezadas em latim, mas, antes e depois das celebrações, o idioma falado por quem frequentasse a igreja era o *talian*.

O *talian* se fazia presente em quase todas as situações comunicativas. Se os moradores necessitassem de algo da prefeitura, ou se dirigissem até um comércio, por exemplo, poderiam conversar em *talian*, inclusive sendo caracterizados por isso. Há relatos dos informantes de que, se alguém conversasse em *talian* em um desses referidos lugares, você seria mais bem tratado do que se falasse o português. Se não falasse *talian* poderia ser chamado de *negri*, ou *brasiliani*, negro ou brasileiro, e era discriminado por isso. Se o morador não fosse conhecido da pessoa a quem se dirigia, inclusive, era solicitado a responder 'de que gente ele era'. Se seu sobrenome fosse de origem italiana, também era mais bem tratado.

Com o passar do tempo e através dos grandes esforços dos colonizadores, que, sem muitos recursos, abriram o mato e fundaram a cidade, o município paulatinamente começa a se desenvolver. Novos moradores começam a chegar, sendo ou não de ascendência italiana.

Atualmente, a base econômica do município é constituída pela agricultura, pecuária, comércio e indústria<sup>9</sup>. A agricultura se baseia na mecanização de médio porte e na existência de pequenas propriedades rurais. Os produtos agrícolas mais cultivados, em ordem, são a soja, o milho, o trigo, o tritcale, o feijão e a uva. Na pecuária, rebanhos de suínos, bovinos e aves contribuem significativamente para a economia do município. O comércio está caracterizado pela compra e venda de produtos coloniais, confecções em geral e produção de gêneros alimentícios. Na indústria, o município destaca as do tipo extrativas, tendo como principais produtos beneficiados a madeira e a erva-mate.

A cultura predominante no município é baseada nas tradições gaúchas e nos costumes italianos. É fácil ser recebido em um lar do município, ou mesmo em um comércio, com a oferta de uma cuia de chimarrão. Do mesmo modo, é comum se

---

<sup>9</sup> Segundo o *site* da Prefeitura do município ([www.vargeao.sc.gov.br](http://www.vargeao.sc.gov.br)).

alimentar nos restaurantes ou em qualquer casa da cidade que se visite com macarrão, lasanha, polenta com molho de galinha, tortéi (*tortelli*) ou sopa de *agnolini* (*capeletti*). No domingo, o churrasco é indispensável. Enquanto a carne está assando, jogam-se partidas de baralho (canastra, truco, bisca, etc.) e bebe-se alguma bebida alcoólica, como o vinho.

Dentre outras tradições culturais herdadas dos italianos que podem ser citadas, estão o jogo da bocha<sup>10</sup>, (geralmente jogado por homens após a reza dominical) e as festas religiosas. No município há alguns grupos de canto coral italiano, que buscam resgatar cantigas tradicionais do povo colonizador. Contudo, não há resgate linguístico nesses grupos, nem sempre os participantes têm proficiência plena na língua, atuando como meros reprodutores de palavras. Tampouco há quaisquer outras políticas linguísticas no município para preservação do idioma.

A seguir algumas imagens sobre elementos culturais do município, encontradas do *site* da Prefeitura, em dezembro de 2011.

#### IMAGEM 2: JOGO DA BOCHA (AS BOCHAS E O *BALIN* NA CANCHA)



Fonte: Jarbas Ritter de Ramos (2001)

<sup>10</sup> A *bocha* é uma espécie de bola pequena feita de material duro. O jogo da bocha deve acontecer em uma *cancha*. Os jogadores são sempre em número total par, disputando entre si ou em equipes. Como se joga bocha: é lançado, por um dos participantes, o *balin* (ou *bochin*), uma bocha menor. Depois disso, os participantes lançam as bochas maiores. Além de o participante tentar colocar suas bochas o mais próximo possível do *balin*, ele também precisa afastar as do adversário de lá, evitando que o adversário pontue. Para isso, pode tentar rolar as suas bochas para remover as do adversário ou *bochar*, lançando, a certa distância e pelo ar, outra bocha para que bata na do adversário e a remova de perto do *balin*. Ganha quem marcar 21 pontos antes.

Na primeira imagem, se vê a cancha, de piso de areia, e o *balin* com duas bochas de cores diferentes próximas a ele, o que significa que ambas as equipes conseguiram bom resultado em seus lances.

### IMAGEM 3: CONTAGEM DOS PONTOS DA PARTIDA



Fonte: Jarbas Ritter de Ramos (2001)

Na imagem acima, os jogadores começam a contagem dos pontos, contando quantas bochas a sua equipe conseguiu colocar mais próximas do *balin*. Somente uma equipe pontua. No centro, de camisa com gola azul, está um jogador segurando uma régua, usada quando é necessário tirar a dúvida de qual bocha de qual equipe está mais perto da zona de pontuação.

Na imagem a seguir, um grupo de coral italiano, em uma das festividades organizadas no município. O grupo usa vestimentas típicas e canta canções folclóricas, como as que introduzem os capítulos dessa dissertação. O grupo é formado por integrantes que residem na zona urbana.

IMAGEM 4: GRUPO DE CORAL ITALIANO “PENSIERI E PAROLE”



Fonte: Giovanni Wilmsen (2011)

Na imagem abaixo, outro grupo de coral italiano, composto por moradores da zona rural. O grupo também usa vestimentas típicas e canta canções folclóricas.

IMAGEM 5: GRUPO DE CORAL ITALIANO “RITROVARE”



Fonte: Giovanni Wilmsen (2011)

## CAPÍTULO III

### TRAÇOS FONÉTICOS RELEVANTES AO ESTUDO

*Quando fenisce la bela polenta,  
la bela polenta fenisce così,  
si pianta così, la cresce così,  
fiorisce così, si smiscia così,  
si taia così, si mangia così,  
si gusta così, fenisce così.  
Bela polenta così.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.  
“La bella polenta” (Anzolin)*

### 3 TRAÇOS FONÉTICOS RELEVANTES AO ESTUDO

Neste estudo, faremos uma análise variacionista que envolve o campo fonético do português brasileiro. Para tanto, a explicitação de alguns conceitos se faz necessária. Começamos com a descrição dos fonemas (unidades sonoras [abstratas]) do português brasileiro. A transcrição fonética dos segmentos segue a proposta do *The International Phonetic Alphabet*, o Alfabeto Fonético Internacional, revisado em 2005<sup>11</sup>.

#### 3.1 SEGMENTOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

##### 3.1.1 Segmentos consonantais

Os segmentos consonantais são “os sons produzidos com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar podendo ou não haver fricção”. (CRISTÓFARO-SILVA, 2007, p. 26)

A classificação das consoantes proposta por Cristófaros-Silva (2007) segue a de Albercrombie (1967), para quem, na produção dos segmentos consonantais, alguns parâmetros são importantes, como considerar “o mecanismo e direção da corrente de ar; se há ou não vibração das cordas vocais; se o som é nasal ou oral; quais são os articuladores envolvidos na produção dos sons e qual a maneira utilizada na obstrução da corrente de ar”. (ALBERCROMBIE, 1967 *apud* CRISTÓFARO-SILVA, 2007, p. 26)

São fonemas consonantais do português brasileiro<sup>12</sup>: /p, b, m, f, v, t, d, n, r, r̃, s, z, l, ʃ, ʒ, ɲ, ʎ, k, g/.

---

<sup>11</sup> Obtido livremente na internet através do endereço: [http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/IPA\\_chart\\_\(C\)2005.pdf](http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/IPA_chart_(C)2005.pdf).

<sup>12</sup> Conforme citado, símbolos propostos pelo Alfabeto Fonético Internacional

### 3.1.2 Segmentos vocálicos

Na produção de um segmento vocálico, “a passagem da corrente de ar não é interrompida na linha central e, portanto não há obstrução ou fricção no trato vocal”. (CRISTÓFARO-SILVA 2007, P. 26)

Para a descrição das vogais, a posição da língua em termos de altura, de anterioridade e posterioridade e o arredondamento ou não dos lábios são importantes aspectos a serem considerados.

Quanto à altura da língua, uma vogal pode ser alta, média-alta, média-baixa ou baixa. (LADEFOGED, 1984). Em relação à posição da língua na cavidade bucal, uma vogal pode ser anterior ou posterior ou central. Aos lábios, os parâmetros de estendidos ou arredondados são aplicados para a classificação das vogais.

Nas articulações secundárias<sup>13</sup>, duração, desvozeamento, nasalização e tensão são parâmetros importantes. Na duração, um segmento é comparado a outro, numa medida relativa. Já o desvozeamento pode ocorrer em vogais não acentuadas em final de palavra, com pouca vibração das cordas vocais. Na nasalização, importante ao nosso estudo, a articulação da vogal ocorre com parte do ar passando pela cavidade nasal, sendo expelido pelas narinas, estando o véu palatino abaixado. É importante ressaltar que a nasalidade está ligada diretamente com a altura da língua. Quanto à tensão, segmentos tensos são produzidos com maior esforço dos músculos, em oposição aos frouxos.

A seguir, as vogais do português brasileiro.

- a) vogais tônicas orais: [i, e, ε, a, o, o, u];
- b) vogais pretônicas orais: [i, e, a, o, u];
- c) vogais postônicas orais: [i, e, a, o, u];
- d) vogais nasais: [ĩ, ê, ē, õ, ũ]

Em variação dialetal, outras vogais podem ocorrer em posição pretônica ou postônica, como o [ε] e o [ɔ]. Fonologicamente, a oposição das vogais em posição pretônica ou postônica se reduz a três graus de abertura em qualquer dialeto do PB; por isso, os fonólogos preconizam o enxugamento do quadro de 7 vogais para 5 em ambos os casos.

<sup>13</sup> Classificações baseadas em Albercrombie (1967) e Cagliari (1981), *apud* Cristófaros-Silva (2007, p. 70).

A vogal nasalizada correspondente a [a] tem sido transcrita por diferentes autores como [ã, ê, â, õ, ẽ, ã, õ]. Neste estudo, adotamos como transcrição a forma [ẽ], assumindo a postura de que, para haver a produção desse som nasal, a vogal muda de qualidade, pelo movimento dos articuladores (véu e mandíbula), deixando de ser aberta para algo entre aberta e meio-aberta.

### 3.1.3 Glides

Os *glides* (ou semivogais, semivocoides, semicontoides, vogais assilábicas) são segmentos com características imprecisas, com propriedades de consoante ou vogal. Acompanham a vogal no ditongo e não constituem núcleo de sílaba. Os *glides* do português brasileiro são o [w] e o [j].

### 3.1.4 Ditongos

Segundo Cristófar-Silva:

“Um ditongo consiste de uma sequência de segmentos vocálicos sendo que um dos segmentos é interpretado como vogal e o outro é interpretado como glide. O segmento interpretado como vogal no ditongo é aquele que tem proeminência acentual. [...] O segmento interpretado como glide no ditongo não tem proeminência acentual. Em um ditongo, a vogal e o glide são pronunciados na mesma sílaba [...], sendo que o segmento interpretado como vogal representa o núcleo ou pico da sílaba.” (CRISTÓFARO-SILVA 2007, p. 94)

Com base na descrição acima dada pela autora sobre a natureza dos ditongos, passemos agora à descrição dos tipos de ditongos que podem ocorrer no português brasileiro.

#### 3.1.4.1 Ditongos crescentes

Os ditongos crescentes são aqueles em que a proeminência acentual ocorre na segunda vogal (glide-vogal<sup>14</sup>).

Exemplos:

- a. como em ['sɛrjɐ], para *séria*, com início em [j];
- b. como em ['aɾdwɐ], para *árdua*, com início em [w].

### 3.1.4.2 Ditongos decrescentes

Nos ditongos decrescentes, a proeminência acentual ocorre na primeira vogal (vogal-glide).

Exemplos de ditongos decrescentes orais:

- a. como em ['pa.j], para *pai*, com término em [j];
- b. como em ['pa.w], para *pau*, com término em [w].

Exemplos de ditongos decrescentes nasais:

- a. como em ['mẽ.j̃], para *mãe*, com término em [j];
- b. como em ['pẽ.w̃], para *pão*, com término em [w].

## 3.2 SOBRE OS SEGMENTOS EM ESTUDO

### 3.2.1 Os sons de /r/ ou róticos

Os róticos constituem uma classe com características peculiares. Apesar de comporem uma classe fonética, eles não apresentam entre si um mesmo modo de articulação que seja comum a todos dessa classe, tampouco um mesmo lugar no trato vocal, “visto que tanto articulações na região alveolar quanto na região velar ou uvular podem ser observadas na produção desses sons”. (CLEMENTE, 2009)

Sobre as características comuns aos róticos:

---

<sup>14</sup> Exemplos baseados na obra de Cristóvão-Silva 2007.

Os róticos não podem ser identificados através de características articulatórias comuns, mas por outros fatores, como sinal ortográfico utilizado ou – com acentuada frequência – pela posição que ocupam nas estruturas silábicas de diferentes línguas. (LADEFOGED & MADDIESON 1996)

Sendo assim, os róticos têm como característica comum principal o fato de serem grafados pela mesma letra nas línguas que ocorrem. “É sabido também que eles estão presentes em aproximadamente 75% das línguas do mundo, sendo que 18% delas possuem mais de um som de /r/.” (MADDIESON, 1984, *apud* FERRAZ, 2005). O português brasileiro está entre esses 18%

As variedades mais comuns dos róticos (LADEFOGED & MADDIESON, 1996) são as seguintes: *vibrantes*, *tap*, *fricativas* e *aproximantes*.

Sobre as características de cada variedade, temos:

As *vibrantes* se caracterizam por serem sons produzidos a partir da vibração da ponta da língua contra a região dental/alveolar ou originando-se da vibração da úvula contra a região dorsal da língua – como membros prototípicos dos róticos. Os *taps* resultam de um breve contato entre a ponta da língua e a região dental ou alveolar. Os sons que são produzidos não pelo contato, mas somente pela aproximação entre os articuladores são as *fricativas* – resultado de uma estreita constrictão em algum lugar específico do trato vocal – e as *aproximantes* propriamente ditas. (LADEFOGED & MADDIESON, 1996, *apud* FERRAZ, 2005, p. 14)

As variantes róticas estudadas neste trabalho são a vibrante (múltipla) e o *tap*. Como o dialeto em estudo é marcado por influências da língua dos colonizadores daquele espaço, os quais eram falantes de *talian*, e sabendo-se que no *talian* “inexiste o [r]” (MESCKA, 1983; FROSI & MIORANZA, 1983), o contato das línguas faria com que os descendentes substituíssem a vibrante múltipla pela vibrante simples. (MARGOTTI, 2004).

De fato, um dos estereótipos mais comuns do português de contato com o italiano<sup>15</sup> é o abrandamento de [r] forte, seja na posição inicial de vocábulos, seja na posição intervocálica ou mesmo no início de sílaba precedida de consoante. (MARGOTTI, 2004, p. 10 )

---

<sup>15</sup> Entenda-se *italiano* também como *dialetos da Itália (Norte)* falados pelos imigrantes.

O fato de os dialetos trazidos do Norte da Itália terem apenas uma vibrante simples apicodental (FROSI & MIORANZA, 1983) em sua estrutura, causa a dificuldade de se estabelecer oposições que existem no português brasileiro (como em *caro* e *carro*) e certa instabilidade de pronúncia. A não percepção da diferença fonética desses sons pode gerar, inclusive, casos de hipercorreção, empregando o [r] onde se espera o [r̥]. Se essa hipercorreção chegar a ocorrer em um grande número de usuários, geralmente de uma mesma comunidade linguística, podemos ter até um caso de evolução lexical motivado pela interferência do *talian* no PB.

Para verificar a influência do *talian* no PB de Vargeão (SC), neste trabalho investigaremos como são pronunciados os vocábulos que apresentam róticos em início de palavra e em início de sílaba medial, posições em que geralmente há oscilação de pronúncia.

### 3.2.2 O (não) alçamento da vogal anterior, média-alta, meio-fechada [e] e da vogal posterior, média-alta, meio-fechada [o] em posição átona final

Vieira (2002, p 153), a partir de seus estudos linguísticos sobre o Sul do Brasil, afirma que as vogais médias, no final dos vocábulos, podem ocorrer como vogais médias ou também como vogais altas. Assim, é possível de se encontrar pronúncias como [ˈlejte] ~ [ˈlejtɪ] e [ˈmoro] ~ [ˈmoru].

Em específico sobre a vogal [e], pesquisas realizadas para o ALERS (2002, v. 2), apontam para o não-alçamento da vogal em toda a faixa oeste de Santa Catarina, desde a serra até a fronteira. Já sobre a vogal [o], nos estudos realizados por Margotti (2004, p. 181) em áreas de contato do português com o italiano, “persiste o uso variável da vogal átona final [o]: cerca de 50% dos falantes da amostra realizaram [ʊ] ou [w] e outros 50% realizaram [o]”.

Resta-nos saber, então, quais os fatores que contribuem para o não alçamento das vogais átonas [e] e [o] em posição final em falantes da região em estudo, também colonizada por descendentes de italianos.

As justificativas, evidentemente, são relacionadas à interferência da estrutura do italiano (no caso, do dialeto *talian*) no PB.

Vejamos o que Margotti discorre com relação à vogal [e]:

Nos dialetos vêneto e trentino, o tema da maior parte dos nomes no singular, sejam masculinos, sejam femininos, é marcado pelas vogais [a], [o], [e]. A vogal [i] aparece em alguns advérbios, alguns numerais, nos dias da semana e em algumas formas verbais. De modo genérico, pode-se dizer que, no singular, a vogal temática que mais ocorre é [e], tanto em nomes masculinos, quanto em femininos; no plural, [i] é morfema de número dos nomes masculinos, enquanto [e] é morfema de número dos nomes femininos. Conclui-se, então, que no italiano falado nas áreas de colonização italiana no Sul do Brasil, haja vista a formação da coíné vêneta, predomina, em posição átona final, a vogal [e] sobre a vogal [i], pois aquela aparece tanto no singular quanto no plural. (MARGOTTI, 2004, p. 169)

Portanto, os falantes dessas regiões tendem a evitar o uso do [i] final, já que sabem que é o marcador de plural de nomes masculinos. Quanto ao não alçamento do [o] final, as razões também são relacionadas à língua dos imigrantes:

Considerando, então, que a maior parte dos imigrantes italianos que se estabeleceram nas áreas de colonização do Sul do Brasil são oriundos de regiões cujos dialetos conservam a vogal final [o], depreende-se que esse traço se mantém no sistema dialetal italiano dessas áreas, principalmente nos dialetos vêneto e trentino. [...] Disso resulta que o falante bilíngue, habituado a ouvir [o] no sistema de sua língua materna, transfere para o sistema da língua portuguesa os hábitos próprios da primeira língua, realizando [o] onde, em português, costuma-se realizar [u]. (MARGOTTI, 2004, p. 176)

Sabendo-se que os falantes tendem a não usar alçar o [e] e o [o] átonos finais por conta da influência dos padrões da língua dos colonizadores na língua local, cabe-nos investigar se há algum contexto linguístico seguinte à vogal que influencie o alçamento, considerando que esses contextos podem ser formados por consoantes, pausas ou vogais<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Lembrando que há a possibilidade maior de alçamento quando o contexto seguinte for vocálico, já que uma vogal alçada + a vogal plena seguinte geraria um ditongo. Contudo, também há a possibilidade de ocorrer um hiato, com duas vogais plenas ocupando sílabas diferentes.

### 3.2.3 Sobre o ditongo nasal final tônico [ẽw̃]

Uma marca característica e identificadora dos falantes que possuem em sua língua influências de algum dialeto italiano é a substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õ] ou [õw̃]. Antes de explicarmos as causas dessa interferência, é necessário entender alguns pontos relativos aos ditongos, a partir de diferentes perspectivas teóricas.

Sobre a natureza do ditongo em estudo:

O ditongo [ẽw̃] [...] é derivado de diferentes fontes latinas, relacionando-se diacronicamente ora com o paradigma [aN], ora com o paradigma [oN]. As terminações latinas *-anu*, *-ane*, *-one*, e *-udine* deram, respectivamente, *-ãõ*, *-ã*, *-õ(n)*, por causa da nasalidade comunicada pelo [n] à vogal anterior. Aqui é a síncope do [n] intervocálico que explica as formas do português. Os nomes provindos do acusativo latino deram as formas esperadas: *manus* > *mãõ*, *canem* > *cãõ*, *leonem* > *leãõ*, *multitudinem* > *multidãõ*. Como se pode observar, as terminações *-ã* e *-õ(n)* foram absorvidas pela primeira. O singular dos vocábulos terminados em [ãõ] neutraliza três estruturas radicais distintas. (MARGOTTI, 2004, p. 141)

Bisol (1989), sobre os ditongos do PB, classifica-os em duas categorias: os ditongos leves e os pesados. Segundo a autora, os ditongos leves (ou falsos ditongos) são pós-lexicais, num processo de assimilação de traços. Já os ditongos pesados (os verdadeiros ditongos) são de natureza lexical, representados, na estrutura subjacente, por duas vogais. Palavras como *beijo*, *frouxo* e *caixa*, que apresentam as variantes *ditongo* ~ *vogal*, têm uma só vogal subjacente, e que a variante como ditongo tem origem no traço secundário da palatal que, ao expandir-se, cria o glide epentético. Esse tipo de ditongo tende a monotongar. Assim como o glide antes de palatal pode ser apagado, ele também pode ser acrescentado, como em *vexame* > *veixame*, *faxina* > *faixina*. A autora ainda defende que os ditongos leves tendem a ser perdidos, monotongando, e os pesados são preservados.

Battisti (1997, p. 256) defende que os ditongos nasais e monotongos nasais, quando átonos, são passíveis de redução. Sendo assim, poderíamos encontrar produções como [órgãõ > órgu], [bênçãõ > bençu]. Para o autor, a redução dos ditongos nasais é resultado de condicionamento prosódico. Guy (1981, p. 329) corrobora a afirmação de que a tonicidade é influenciadora na (des) nasalização, afirmando que a desnasalização não ocorre em sílabas acentuadas.

Nosso ditongo em estudo, o [ẽw̃], nas concepções abordadas acima, é classificado como pesado, e não sofreria desnasalização, por ser tônico. Resta-nos explicar, agora, por que é possível encontrar realizações como [õ] ou [õw] para o referido ditongo nos falares influenciados por dialetos italianos.

A explicação para as variações de ocorrência de [ẽw̃] tem por base a estrutura do sistema dialetal italiano.

Na perspectiva diacrônica, se no sistema do português as três estruturas latinas *-one*, *-ane* e *-anu* convergiram para uma única forma *-ão* [ãw̃], no sistema dialetal italiano essas mesmas estruturas evoluíram do seguinte modo: *one* > *õ* (*n*) ou *u*, *ane* > *ã* (*ne*) e *anu* > *ã* (*n*) ou *ã* (*no*). Observe-se, no entanto, que em italiano os nomes com terminação em *ã(n)* ou *ã(no)* têm baixa frequência, ao contrário dos nomes terminados em *õ(n)*, que, em termos reais, é bastante elevada. [...] (MARGOTTI, 2004, p. 145)

Então, o problema se situa na parte de percepção e vai até a parte de articulação.

O falante que tem como língua materna um dialeto italiano nunca ouve em seu sistema de sons original, a sequência [ɛw̃] e, sobretudo, nunca ouve esse ditongo nasalizado [ẽw̃]. Em razão disso, tem dificuldades de distinguir [ẽw̃] de [õ] na língua portuguesa. (MARGOTTI, 2004, p. 145)

Estudos realizado por Trento (2006) com informantes idosos de ascendência italiana moradores da cidade de Treze de Maio (SC), mostram que em 65% de todas as ocorrências pesquisadas o ditongo [ẽw̃] é pronunciado como [õw̃]. Esses dados confirmam hipóteses lançadas pelos autores nesta seção quanto à produção desse segmento por falantes que utilizam dialetos do PB que herdaram características de algum dialeto italiano. As referidas hipóteses serão verificadas se ocorrem da mesma maneira em Vargeão (SC), município com características comuns às da cidade pesquisada pela autora, sendo que ambas as cidades foram colonizadas por descendentes de italianos.

Então, entendida a natureza do ditongo em pesquisa, e conhecendo os fatores que podem influenciar a fala dos informantes pesquisados, resta-nos saber como se efetiva a produção do ditongo [ẽw̃] no dialeto de Vargeão (SC). Para tanto,

serão verificadas as ocorrências do ditongo em posição final tônica de vocábulos, observando-se o contexto linguístico seguinte (se composto por vogal, consoante ou pausa), para verificar quais situações favorecem ou não as várias pronúncias possíveis para o ditongo.

### 3.2.4 Realização da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] e da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ]

A ausência das fricativas [ʃ] e [ʒ] nos dialetos falados pelos imigrantes italianos (MARGOTTI, 2004, p. 145) acarreta dificuldades na produção desses segmentos por falantes brasileiros de áreas influenciadas linguisticamente por esses dialetos. Os falantes, então, substituiriam esses sons por [s̺] e [z̺] ou por outros segmentos semelhantes a [ʃ] e [ʒ].

Mais uma vez a justificativa da variação se dá pelo confronto dos sistemas fonológicos do PB com o dos dialetos italianos e a dificuldade de realização fonética dos segmentos pelos falantes. Como substituição de [ʃ] e [ʒ] por [s̺] e [z̺] é característica do *sotacon*, que é “a marca de identidade dos descendentes de italianos que, ao falar português, denunciam sua origem, impregnando a fala de marcas do dialeto italiano” (MARGOTTI, 2004, p 14), é possível que essa variável seja mais encontrada nos falantes mais velhos e de menos escolaridade, já que é considerada uma forma estigmatizada de pronúncia.

Para investigar se há ou não a substituição de [ʃ] e [ʒ] por [s̺] e [z̺] no falar dos munícipes de Vargeão (SC), verificaremos nos dados ocorrências com os segmentos em estudo e se o contexto linguístico seguinte de produção contribui de algum modo para a variação. Como no dialeto em estudo [ʃ] e [ʒ] só podem ocorrer diante de vogais, o contexto seguinte analisado levará em conta as diferentes qualidades de vogais possíveis de ocorrência.

### 3.2.5 Pronúncia da vogal anterior, baixa, aberta [a] seguida de consoante nasal e da vogal nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ]

Outra característica marcante do *sotacon* é a não produção do [ẽ] pelos falantes de cidades colonizadas por descendentes de italianos.

Para entender essa variação de pronúncia, necessitamos analisar o processo articulatorio envolvido na produção do [a] e do [ẽ]. Quando a realização da vogal [a] no português ocorrer antes das consoantes nasais [m], [n], [ɲ], a produção deste segmento tende a ocorrer como posterior, média-baixa, meio-aberta, gerando a vogal nasal [ẽ]. Para a produção, há um estreitamento dos articuladores, em menor ou maior grau, resultado do abaixamento do véu palatino para a pronúncia da consoante nasal que vem a seguir. A produção da vogal nasal se faz com menor abertura da cavidade bucal, o que gera um som mais elevado e mais posterior do que o [a]. Contudo, o que pode ocorrer, nos dados dos falantes da comunidade linguística em estudo, é que a vogal [ẽ], mesmo diante do contexto de nasalização, seja pronunciada como a vogal cardeal [a], uma anterior, baixa e aberta.

Importante lembrar que a nasalidade do segmento em estudo pode ser distintiva (de natureza fonológica) ou não distintiva (de natureza fonética). Por exemplo, para ['kẽtɐ] 'canta' e ['katɐ] 'cata', a nasalidade é distintiva, enquanto que para ['kẽmɐ] 'cama', não é.

O que pode causar a variação na pronúncia do [a] diante de consoante nasal e do [ẽ] na comunidade de fala é a não existência de uma regra fonológica nos dialetos italianos que leve ao fechamento da vogal [a], ao contrário do que ocorre PB.

Como não existe no sistema dialetal italiano uma regra fonológica que leve à nasalização e ao fechamento da vogal [a], o ítalo-brasileiro tem dificuldade em perceber essa variação. Por isso, nos contextos em que é esperada a nasalização do [a] e, conseqüentemente, o fechamento, os ítalo-brasileiros tendem a variar o uso. (MARGOTTI, 2004, p. 17)

A não aplicação da uma regra de nasalização nos dialetos italianos para a vogal [a], aplicada no PB do local, faria com que os falantes do local produzissem segmentos como [sa 'lẽme] ~ [sa 'lame] para 'salame' ou algo como em ['sa<sup>n</sup>tɐ] ~ ['sẽtɐ] para 'santa'. Nossa tarefa será a de investigar, no dialeto em estudo, como é pronunciada a vogal [a] diante de consoante nasal, como em *cama*, ou quando a vogal é nasal, como em *manta*. Para tanto, também será levada em conta a tonicidade dos segmentos nos vocábulos, se ocupam posição átona ou tônica, com o objetivo de se verificar com mais detalhes a ocorrência dos segmentos.

## CAPÍTULO IV

### QUADRO TEÓRICO

*Daqui uns vinte anos, se as coisas seguirem assim  
Eu e minha italiana, já temos vinte bambins  
Mas até lá minha gente, os anos que estão pra mim  
E nós vai cantá de novo aquela modinha assim  
La Gigiota la ga um bambim  
Que belim, ma que belim  
Que boquim, que bel nazim  
E la Gigiota la ga um bambim...  
“La Gigiota” (Anzolin)*

## 4 QUADRO TEÓRICO

Este trabalho de pesquisa segue os fundamentos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de William Labov (1972). Os fenômenos estudados e outros relacionados à fonética e as influências do idioma italiano ou do talian na construção da fala do povo descendente são motivados pelos estudos de Frosi & Mioranza (1983), Mescka (1983), Altenhofen (2002), Spessato (2001) e Margotti (2004).

### 4.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Postulando, basicamente, que a linguística deveria tomar a linguagem como fator social ou cultural e, como tal, que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana<sup>17</sup>, na década de 60, surgem três grandes movimentos teóricos combatendo o pensamento defendido por Chomsky de comunidade linguística homogênea e falante-ideal: a sociologia da linguagem, de Fishman, a etnografia da fala, de Hymes, e a sociolinguística, de Labov<sup>18</sup>.

Contudo, já no início daquele século, a ideia de que a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade havia sido defendida por um linguista de base estruturalista e aluno de Saussure: Antonie Meillet<sup>19</sup>. Para Saussure e os demais estruturalistas, a língua é um sistema de signos lingüísticos, no qual, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”. (SAUSSURE, 1970, p.23).

Ainda, de acordo com o autor:

“A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários (SAUSSURE, 1970, p.27).

---

<sup>17</sup> Margotti (2004, p. 77).

<sup>18</sup> Tarallo (1990, p. 196).

<sup>19</sup> Antonie Meillet (1866 -1936). Linguista francês. Labov sustenta a definição de língua como fato social tal como definiu Meillet. Contudo, Meillet foi comparatista, trabalhando basicamente com línguas mortas, enquanto que Labov trabalha exatamente com o oposto. A relação entre os dois teóricos, então, reside apenas na concepção social da linguagem. (CALVET, 2002)

Saussure defende que os sujeitos, individualmente, não podem criar uma língua, ou mesmo modificar uma já existente. A língua é “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE 1970, p. 22). Contudo, na concepção saussureana, diferentemente da visão de Labov, há homogeneidade linguística e a variação se dá como fenômeno excepcional, resultado de um contato dialetal, com foco para a estrutura da língua, a forma linguística isolada.

Discípulos de Saussure, como é o caso de Martinet, criticaram o posicionamento de Meillet sobre a natureza social da linguagem:

“Meillet, contemporâneo de Saussure, pensava que o século XX veria a elaboração de um procedimento de explicação histórica fundado sobre o exame da variação linguística, enquanto inserida nas transformações sociais. Mas discípulos de Saussure, como Martinet, aplicaram-se a rejeitar essa concepção, insistindo, fortemente, em que a explicação linguística se limitasse às interrelações dos fatores estruturais internos. Com essa atitude, aliás, eles estavam seguindo o espírito do ensino saussuriano.” (LABOV, 1972, p. 259)

Meillet não estava disposto a compreender a linguagem a partir do modelo abstrato de língua de Saussure. O posicionamento teórico de ruptura de Meillet contribuiu significativamente para o modelo de ciência da linguagem que se fundamenta na interação social.

Labov (1972) discute sobre o emprego do termo *Sociolinguística*, uma vez que, se a linguística já concebe a língua como fato social, o termo torna-se redundante. Então, “se a língua é um fato social, isso significa dizer que a sociolinguística é a linguística” (LABOV, 1972 p. 37). O termo só se firma em 1964, através da publicação de trabalhos com o título de *Sociolinguistics*, apresentados em um congresso na Universidade da Califórnia, organizado por William Bright, congresso este de que Labov participara.

Os fundamentos teóricos defendidos por Labov tomam a língua como um sistema heterogêneo organizado socialmente, variando de acordo com as mudanças de padrões de uma determinada comunidade de fala, de modo que as mudanças linguísticas não podem ser tratadas como leis, mas determinadas “pela interação da

estrutura interna da língua com o processo social que a realiza” (LUCCHESI, 1998, p. 200).

Desse modo, somente é possível entender uma língua se observarmos todo o contexto da comunidade linguística.

Hudson (1984, p.12) diz estar “absolutamente seguro de que não há sequer dois falantes que tenham a mesma linguagem, porque é impossível haver duas pessoas com a mesma experiência linguística”. Então, o estudo dos falares, buscando motivações para a ocorrência de determinada variação, em determinado contexto, tende a destacar que não há falante-ideal, o da concepção formalista, mas sim que há diferentes falantes com diferentes linguagens.

Sobre a possibilidade de ocorrência de variação em uma língua, cabe destacar alguns pontos, fundamentais para entender a Sociolinguística.

“[...] O pressuposto básico da teoria da variação é o da regularidade do uso variável, segundo o qual o emprego aparentemente aleatório de formas variáveis obedece a princípios que podem ser estabelecidos de maneira estável.” (REIS, 2003, p. 66)

Determinados fatores em uma língua podem sofrer variação, enquanto que outros são menos passíveis à mudança. A variação pode ser explicada através do estudo dos fatores que a condicionaram, de ordem linguística ou social.

Entende-se, então, que para haver variação, esta deve ser condicionada dentro de um conjunto de regras que não alteram o sistema linguístico, mas sim que estabelecem novas regras dentro do sistema predeterminado.

“Todo sistema linguístico é dotado, pois, de conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de invariante.” (MONTEIRO, 2000, p. 58)

Sendo assim, determinados fenômenos em uma língua podem ocorrer, enquanto que outros não, pois feririam o sistema. A variação, então, pode ser explicada, através do estudo dos fatores que a condicionaram, com olhar atento para todo o contexto que envolve a atividade comunicativa e a constituição dos sujeitos.

#### 4.1.1 Modelo de análise a partir de regras variáveis

Uma das grandes contribuições do modelo laboviano para as pesquisas na área da linguagem é a incorporação do conceito de regras variáveis para o tratamento dos dados.

Como cita Guy (1981):

“A análise da Regra Variável foi desenvolvida na linguística como um meio de justificar a variação estruturada no uso da língua, isto é, a variação linguística que regularmente apresenta maior ou menor grau de ocorrência em ambientes particulares, ou que frequentemente está presente entre grupos sociais particulares ou em estilos de fala particulares.” (GUY 1981, p. 1)

A regra opcional, ou também chamada de variante-livre, provinda da gramática estruturalista, passa a ser substituída pela noção de regra variável, a partir de 1972, após o estudo de Labov denominado *Contraction, deletion, and inherent variability of de English copula*, estudo que pesquisava a influência do verbo de ligação *to be* no *Black English Vernacular*.

Os dados possibilitam um olhar matemático para as variáveis em estudo, descrevendo a variação de maneira sistematizada. Com auxílio de um programa estatístico para tratamento de dados, o GoldVarb2001<sup>20</sup>, são atribuídos pesos relativos à ocorrência dos dados, selecionando grupos de fatores mais relevantes para a análise.

#### 4.1.2 Labov e as pesquisas sobre variação de fala

Os primeiros trabalhos de Labov, no período de 1962 a 1972, pertenciam ao campo da Fonologia. Buscavam estudar (i) a distribuição da variável fonética dos

---

20 O GoldVarb 2001 é uma versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRul - do inglês Variable Rules Analysis, e “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, 105). O programa GoldVarb 2001 foi idealizado por Steve Harlow, que tomou como base a versão anterior, GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff para Macintosh. O pacote de programas foi desenvolvido na Universidade de York, pelos departamentos de Língua e Linguística e de Ciências da Computação.

ditongos /ēj/ e /ēw/, em Martha's Vineyard; (ii) a estratificação estilística e social sobre o apagamento/preservação do /r/ em final de sílaba em três lojas de Nova Iorque; e (iii) os sons correspondentes à vogal /ɔ/ em Nova Iorque. Estes trabalhos foram de contribuição significativa para o desenvolvimento dos estudos sobre variação.

Labov (1972) reconhece que há falhas metodológicas em seu primeiro estudo em Martha's Vineyard, e concentra-se com maior afinco nos resultados obtidos nos estudos de Nova Iorque. Outros autores, como Lavandera (1977), Romaine (1982), García (1985), Bentivoglio (1987) também afirmavam que havia problemas metodológicos nas pesquisas de Labov, principalmente quando o autor partiu para o campo de pesquisa na área da sintaxe, como na pesquisa sobre as passivas sem agente (WEINER & LABOV, 1983). As discussões maiores questionavam a aplicação das regras variáveis aos estudos daquela natureza. Labov (1978) contesta os autores, sobretudo Lavandera, e reformula a premissa básica de *idêntico/mesmo significado* para *mesmo significado referencial*, resolvendo os embates teóricos criados. Tendo agora a Sociolinguística bases teóricas fortes e objeto de estudo bem definido, as pesquisas na área variacionista cresceram significativamente e atribuíram para a Sociolinguística o *status* reivindicado por Labov em suas pesquisas.

#### 4.1.3 Sobre o bilinguismo e bilinguagem na cidade em estudo

Como o objetivo do nosso trabalho é descrever elementos do *talian* presentes na fala de informantes de Vargeão (SC), que têm como língua materna a língua portuguesa, e tendo esses elementos como sinais de herança de uma colonização por falantes bilíngues português-talian, faz-se necessário, agora, discutir algumas teorias sobre situações de bilinguismo.

Dois conceitos se fazem importantes agora: o de *bilinguismo* e o de *bilinguagem*.

Entendemos aqui o bilinguismo como sendo “a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja,

um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas” (HEYE, 2003, p. 34). Já a bilinguagem é definida como:

“Os diferentes estágios distintos de bilingüismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngüe, passam na sua trajetória de vida. Os estágios são vistos como processos situacionalmente fluídos e definem, de forma dinâmica a bicompetência lingüística, comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações de vida.” (HEYE, 2003, p.34).

Nesta visão, o bilingüismo é entendido como fenômeno societal, focalizando, essencialmente, as mudanças que ocorrem na língua e no seu uso no meio social (manutenção e mortandade lingüística de uma geração para a outra, as situações de diglossia<sup>21</sup>, os domínios sociais, as funções de cada uma das línguas, a comunicação intercultural etc.) (MARGOTI, 2004, p. 95); enquanto que a bilinguagem é “um fenômeno individual, que reflete o dinamismo e que deve ser incorporado na trajetória do indivíduo” (DÜCK, 2005, p. 31).

Sobre proficiência nas línguas em situação de bilingüismo, Mackey (1972) afirma que:

“O grau de proficiência em cada língua depende dos usos que o bilíngüe faz da língua e das condições em que ele a usa, ou seja, depende das *funções*. Essas funções podem ser *externas*, isto é, relativas à variação, durante a pressão dos contatos, e *internas*, que inclui usos não comunicativos, como fala interna e a expressão intrínseca de atitudes, que influenciam o bilíngüe a resistir ou tirar proveito das situações com as quais mantém contato.” (MACKEY, 1972, p. 557)

Se não há mais funções para uma língua, o número de falantes desta tende a diminuir. Se, na chegada dos colonizadores, o *talian* era de uso quase que obrigatório nas situações comunicativas dos primeiros habitantes do município em estudo, caracterizando situação de diglossia, tendo o português pouca função comunicativa, o que se observa hoje é exatamente o inverso. O grau de proficiência no *talian* diminuiu, porque diminuíram as funções desta língua, e cada vez há menos falantes que se julgam bilíngües e mais falantes que se consideram monolíngües no português.

A *interferência*, que acontece “quando enunciados de uma língua contêm alguns elementos que pertencem a outra língua” (MARGOTTI, 2004, p. 97) também

---

<sup>21</sup> Ver próxima seção.

se reduz, já que os falantes bilíngues estão se reduzindo. No caso em estudo, um discurso em português com interferência do *talian*, ou o inverso, começa a soar estranho e inadequado às novas demandas sociais, o que também favorece a perda do *talian*.

Reduzindo-se as funções do *talian*, com também o número de falantes bilíngues e de interferências nos discursos, o *talian* passaria a ser usado apenas em situações muito específicas, como em vocábulos que identificam comidas típicas, em músicas folclóricas, em ditados populares. Os falantes passariam a ser *inseridores* e não mais *fluentes*, empregando apenas itens lexicais de maneira isolada nos discursos. Na concepção de Cristófar-Silva (1988) *inseridores* são aqueles indivíduos que fazem uso da estrutura gramatical de uma outra língua – geralmente a língua dominante - mas inserem itens lexicais da língua em questão. Para Dorian (1973, *apud* Cristófar-Silva, 1988), *fluentes* são aqueles indivíduos proficientes na língua em questão e são reconhecidos pela comunidade como falantes plenos da língua.

O fato de o *talian* estar se perdendo no local da pesquisa pode ter causa na falta de políticas linguísticas que valorizem o idioma ou na falta de interesse dos poucos falantes proficientes da língua em repassá-la às gerações. Contudo, O problema da não valorização da herança dos colonizadores não se restringe somente ao campo linguístico, mas é maior, também atingindo o campo da cultura.

Cabe-nos investigar, levando em consideração todo o percurso histórico da construção da cidade de Vargeão (SC), qual a contribuição do bilinguismo dos colonizadores para a língua dos habitantes do local, tendo em vista que nem todos os atuais habitantes, e mesmo os informantes deste estudo, são descendentes de italianos.

#### 4.1.4 Sobre diglossia na cidade em estudo

Outro conceito importante quando lidamos com línguas em contato é o conceito de *diglossia*.

Diglossia é uma situação linguística relativamente estável na qual, além dos dialetos principais da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente

codificada (na maioria das vezes gramaticalmente mais complexa), veículo de um grande e respeitável corpo de literatura escrita, quer de um período anterior, quer de outra comunidade linguística, que é aprendida principalmente através da educação formal e usada na maior parte da escrita e fala formais, mas que não é usada por nenhum setor da comunidade na conversação usual. (FERGUSON, 1974, p. 111)

Segundo Ferguson (1974), há uma variedade tida como *alta* (variedade padrão) e outra tida como *baixa* (dialeto). O uso de cada variante depende do contexto em que o falante está inserido, sendo que em um conjunto de situações somente uma variedade é apropriada e outra não, com ambas se sobrepondo apenas muito rapidamente. A variedade alta é de prestígio, enquanto que a variedade baixa é a estigmatizada; portanto, cada uma tendo funções e limites bem definidos. Ferguson (1974, p. 101) exemplifica situações de diglossia como as citadas anteriormente: para os países árabes, o uso do árabe clássico e o coloquial; na Suíça, o alemão e o suíço; no Haiti, o francês e o crioulo; e, na Grécia, o catarevusa e o demótico, são situações em que o uso de cada variante depende do contexto em que o falante se encontra.

Borstel (1999, p. 50) observa que a diglossia não existe apenas em línguas com parentesco próximo, mas também entre duas línguas sem esse parentesco. A primeira relação citada é chamada por Kloss (1986, *apud* Dück, 2005, p. 34) de *diglossia interna* e a segunda relação de *diglossia externa*. Podemos citar como exemplo de *diglossia interna* o que acontece na Suíça, com o uso do alemão e do suíço, e de *diglossia externa* o que acontece do Paraguai, com o uso do espanhol e do guarani.

Outro exemplo de diglossia externa é o que acontece em Witmarsum (PR), em uma comunidade menonita, que convive com o bilinguismo *Hochdeutsch* e português e/ou trilinguismo *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português. Falantes do *Plautdietsch* e do *Hochdeutsch* têm como variedades altas o *Hochdeutsch* e o português e como variedades baixas o *Hochdeutsch* e português; enquanto que os falantes do *Hochdeutsch* têm como variedades altas o *Hochdeutsch* e o português e como variedade baixa o português. O uso das variedades é determinado pelas situações comunicativas, que são graduadas em importância, conferindo *status* de variedade alta para as línguas usadas ou aprendidas nos contextos mais formais, ao contrário da variedade baixa, usadas em contextos mais informais e aprendidas

naturalmente. Também o tipo de falante determina a classificação da variedade: muitos falantes têm o português como língua de ascensão, de prestígio, como variedade alta, enquanto que outros têm preconceito com a língua falada pelos empregados, também o português, e a têm como uma variedade baixa. (DÜCK, 2005, p. 35).

Fishman (1967, *apud* CALVET, 2002) relacionando bilinguismo e diglossia, afirma a possibilidade de quatro relações possíveis:

- a) bilinguismo e diglossia: todos os membros da comunidade conhecem a forma alta e a forma baixa (é o caso do Paraguai: espanhol e guarani);
- b) bilinguismo sem diglossia: há numerosos indivíduos bilíngues em uma sociedade, mas não se utilizam das formas linguísticas para usos específicos. Esse seria o caso de situações instáveis, de situações em transição entre uma diglossia e uma outra organização da comunidade linguística;
- c) diglossia sem bilinguismo: numa comunidade social há a divisão funcional de usos entre duas línguas, mas um grupo só fala a forma alta, enquanto o outro só fala a forma baixa;
- d) nem diglossia nem bilinguismo: há uma só língua. Só se pode imaginar essa situação em uma comunidade muito pequena. (FISHMAN, 1967, *apud* CALVET, 2002, p. 61-62)

Então, como classificar Vargeão, nossa comunidade em estudo, com relação ao postulado acima por Fishman? Necessitamos, antes de tudo, diferenciar o momento social da colonização e o momento social atual, em que os falantes tinham/têm necessidades comunicativas diferentes.

No início da cidade, os falantes oriundos do Rio Grande do Sul eram bilíngues *talian*-português, e a comunidade era diglósica, com o *talian* sendo a variedade alta e o português a variedade baixa. Com a escolarização dos falantes e devido a necessidades comunicativas, houve uma inversão gradual na classificação das variedades, com o português no posto de variedade alta e o *talian* como variedade baixa. O português passou a ser língua de ascensão e o *talian* a ser a língua estigmatizada, falada por pessoas de pouca escolaridade. Hoje em dia, praticamente não existem mais falantes bilíngues na cidade e a comunidade também já não é diglósica.

## CAPÍTULO V

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Vivo triste amargurado  
Eu só lá de Antonio Prado  
E não tenho um caminhon...  
“O Filtron” (Anzolin)*

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 5.1 AS VARIÁVEIS

Optou-se nesta pesquisa pelo controle de variáveis de natureza dependente e também pelo controle de variáveis de natureza independente, as quais se caracterizam fundamentalmente por explicar a ocorrência das variáveis dependentes.

#### 5.1.1 Variáveis dependentes

As variáveis a seguir foram escolhidas para a pesquisa por serem caracterizadoras da identidade linguística da região em estudo.<sup>22</sup> A escolha das variáveis e suas caracterizações são baseadas nos estudos sobre a influência dos dialetos italianos no falar da população da Região Sul do Brasil, propostos em Margotti (2004).

##### 5.1.1.1 Neutralização da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] e da consoante *tap*, alveolar, vozeada [ɾ]

Segundo Monaretto (2002, p. 254), o uso variável do /r/ está relacionado à posição que ele ocupa na sílaba: se pré-vocálico, em início de palavra e em início de sílaba precedida por consoante, a forma mais comum é o [r]; em coda silábica e em encontros consonantais tautossilábicos<sup>23</sup>, o [ɾ] é predominante. O contraste fonêmico entre o [r] e o [ɾ] só é atestado em posição intervocálica (cf. CRISTÓFARO-SILVA, 2007, p. 142).

---

<sup>22</sup> A variável *não-palatalização de [t] e [d] diante de [i]*, também pesquisada pelo autor, não foi selecionada para este estudo por ser característica também do dialeto florianopolitano, por influência do falar dos colonizadores açorianos no PB do local e, portanto, não sendo uma variável distintiva do falar da região Oeste frente aos demais falares presentes no estado.

<sup>23</sup> Duas consoantes juntas na mesma sílaba.

Como “na coiné vêneta inexistente o [r] , a influência do *talian* no português faria com que os falantes usassem o [r] em lugar do [r]” (MESKA, 1983, FROSI & MIORANZA, 1983, *apud* MARGOTTI, 2004, p. 10), tanto em *carroça* [ka'ɾɔsa] e *rosa* ['ɾɔza], por exemplo.

Se em posição medial o [r] é distintivo, uma sentença que contém os vocábulos *carro* e *caro*, por exemplo, poderia gerar certa dificuldade de compreensão, resolvendo-se somente quando analisado o contexto discursivo.

Observemos o exemplo encontrado nas gravações para a pesquisa:

“*Hoje em dia não tá caro comprar um carro, pois têm os financiamentos.*”  
(Inf.7)<sup>24</sup>

Os vocábulos *caro* e *carro* foram produzidos de maneira semelhante, com o uso do [r]: ['kaɾo]. Isolados do contexto discursivo, esses vocábulos gerariam dúvida quanto ao seu significado, como também poderia ocorrer com o par *erra* e *era*, que geralmente são pronunciados ambos como ['ɛɾɐ]. Sentenças como as que seguem são outros exemplos de usos que podem gerar confusão quanto ao entendimento da sentença, causado pela não diferenciação no usos do [r] :

“*Comprei um carro caro.*”

“*Comprei um caro carro.*”

“*Ele erra feio.*”

“*Ele era feio.*”

#### 5.1.1.2 O (não) alçamento da vogal anterior, média-alta, meio fechada [e] e da vogal posterior, média-alta, meio-fechada [o] em posição átona final

Vogais médias em final de palavra tendem a se manifestar, no Sul do Brasil, ora como vogais médias, ora como vogais altas. (VIEIRA, 2002, p. 1) Nos dialetos italianos, segundo Margotti (2004, p. 11), o [i] raramente aparece em formas de número singular, sendo o [e] final vogal temática, tanto de nomes masculinos quanto

<sup>24</sup> Sexo masculino, ensino fundamental incompleto, 60 anos.

de femininos; o [i] é morfema de plural dos nomes masculinos com vogal temática –o e –e, e o [e] é morfema de plural nos nomes femininos com vogal temática –a.

Do mesmo modo, no sistema de vogais átonas finais do vêneto, não existe a vogal [u].<sup>25</sup> Verificar-se-á, então, tendo-se por base o anteriormente exposto, se os falantes da comunidade de fala produzem sequências como [ˈpɛlɛ] ao contrário de [ˈpɛlɪ], para *pele*, e [ˈkaro] ao invés de [ˈkaru], para *caro*.

Por exemplo, o falante da região cresce ouvindo a frase:

“*Taliani tutti buona gente.*”

O falante sabe que *taliani* representa mais de uma pessoa, pois são os italianos, não um italiano, e que *tutti* representa mais de um, sendo *todos*.

Internamente, o falante sabe que o morfema *-i* é marcador do plural, senão deveria usar a palavra *taliano*, com a vogal *-o* como morfema do singular e do gênero masculino, já que ouve as palavras no singular faladas desse modo. Então, não empregaria o [ɪ] em final de palavras, já que ele representa, pela interferência do *-i* morfológico do *talian*, o plural, o que deixaria a frase sem concordância. Pela mesma interferência do *talian*, os falantes não utilizariam o [u] em final e palavras, já que o fonema nessa posição não existe no *talian*.

### 5.1.1.3 Substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õw̃], [õ] ou [ũ]

Frosi e Mioranza (1983), dissertando sobre os ditongos em dialetos italianos na região de colonização italiana no Rio Grande do Sul, constataram que o ditongo [ẽw̃] existente no sistema de sons da língua portuguesa, inexistente nos dialetos italianos. Ademais, segundo os autores, foi constatado que falantes de etnia italiana não realizam o ditongo, mas mantêm a nasalização: ver[oN] por ver[ãõ], coraç[oN] por coraç[ãõ], fog[oN] por fog[ãõ], cerraç[oN] por cerraç[ãõ]<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> Tekavčić (1974, v. 1, p. 125, *apud* Margotti, op. cit, p. 11)

<sup>26</sup> Notação fonética conforme a usada pelos autores.

As justificativas para a ocorrência da substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õw̃] ou [õ] em falantes ítalo-brasileiros residem no sistema estrutural da língua italiana, que não possui o ditongo [ẽw̃] em sua estrutura.

Sendo assim, pronúncias como ['põw̃] ou ['põ], ao invés de ['pẽw̃] seriam possivelmente encontradas nos dados do dialeto pesquisado.

5.1.1.4 Alternância da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] com a consoante fricativa, retroflexa, desvozeada [ʂ] e da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ] com a consoante fricativa, retroflexa, vozeada [ʒ]

Os fonemas /ʃ/ e /ʒ/ inexistem na coiné vêneta<sup>27</sup>. Sendo assim, os falantes bilíngues teriam dificuldades na produção dos segmentos, substituindo-os por [ʃ] e [ʒ]<sup>28</sup> ou [tʃ] e [dʒ], respectivamente. Seria possível encontrar, então, a pronúncia para os vocábulos “bocha” e “agito” como ['bɔʃa] e [a'ʒito] ou ['bɔtʃa] e [a'dʒito] ao invés de ['bɔʃa] e [a'ʒito].

5.1.1.5 Pronúncia da vogal anterior, baixa, aberta [a] diante de consoante nasal e pronúncia da vogal nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ]

Segundo Margotti (2004, p. 17), “na língua italiana não existem vogais nasais, nem ocorre processo de nasalização de vogais quando estas vêm seguidas de consoante nasal”. Em português, se a vogal [a] vier antecedendo [m], [n] ou [ɲ], pode sofrer nasalização, mudando de qualidade para posterior, média-baixa, meio-aberta. Assumimos, neste estudo, que existe um processo de coarticulação entre a consoante nasal e a vogal e, portanto, a diferença entre o italiano e o português está

<sup>27</sup> Cf. Margotti (op. cit, p. 13)

<sup>28</sup> Margotti usa o termo *consoante fricativa pré-palatal desvozeada e consoante fricativa pré-palatal vozeada* para a classificação das consoantes citadas (lista de símbolos fonéticos de sua tese). Porém, na p. 14 da mesma obra, o autor as classifica como *pré-dorsais*. Ambas as classificações são distintas das apresentadas no Alfabeto Fonético Internacional, que as classifica como *fricativas retroflexas*.

no fato de que, em italiano, a coarticulação é menor. Então, tendo-se em vista a diferença entre as línguas, seria possível encontrar falantes que produzissem, nas circunstâncias citadas, algo como [ˈka<sup>n</sup>tɐ] diferentemente de [ˈkɛtɐ] para a palavra *canta*.

## 5.1.2 Variáveis independentes

### 5.1.2.1 Variáveis independentes de natureza linguística

As variáveis independentes de natureza linguística cabíveis a essa pesquisa são relacionadas aos contextos linguísticos das variáveis dependentes.

Então, teremos como variáveis independentes linguísticas:

QUADRO 1: VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS

VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS	
Neutralização da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] e da consoante <i>tap</i> , alveolar, vozeada [ɾ]	posição do rótico na palavra	início de palavra
		início de sílaba medial
		contexto seguinte (fim de palavra)
		vogal
		consoante
		pausa
O (não) alçamento da vogal anterior, média-alta, meio fechada [e] e da vogal posterior, média-alta, meio-fechada [o] em posição átona final	contexto seguinte	vogal
		consoante
		pausa
Substituição do ditongo nasal final tônico [ɛ̃w̃] por [õw̃], [õ] ou [ũ]	contexto seguinte	vogal
		consoante
		pausa
Alternância da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] com a consoante fricativa, retroflexa, desvozeada [ʂ] e da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ] com a consoante fricativa, retroflexa, vozeada [ʒ̃]	contexto seguinte	diferentes qualidades de vogais
Pronúncia da vogal anterior, baixa, aberta [a] diante de consoante nasal e pronúncia da vogal nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ɛ̃]	posição em relação à tonicidade	átona
		tônica

### 5.1.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas

As variáveis independentes extralinguísticas são importantes porque podem nos dar a dimensão da variação e permitem verificar se há ou não mudança em curso.

Foram escolhidas aquelas que atendem aos objetivos da pesquisa. Sendo assim, três variáveis foram escolhidas para análise, sendo elas a *diastrática*, a *diassexual* e a *diageracional*.

#### 5.1.2.2.1 Variação diastrática

Com a verificação da variação na dimensão *diastrática*, será avaliado se a escolaridade dos informantes contribui na caracterização do falar influenciado pelo *talian*. A hipótese é de que os falantes mais escolarizados tendem a apresentar em sua linguagem menor influência do idioma dos imigrantes, optando por uso de formas mais prestigiadas, em língua portuguesa, e que falantes menos escolarizados tendem a apresentar maior influência do *talian*, favorecendo mais a difusão dos traços fonéticos característicos da língua estrangeira.

#### 5.1.2.2.2 Variação diassexual

A verificação da variação na dimensão *diagenérica* possibilitará verificar se a influência do idioma na língua local se dá/deu da mesma forma em ambos os sexos. A partir da informação de estudos de que a mulher tende a ser pioneira na implementação de formas de prestígio (LABOV, 1990), nossa hipótese é de que a mulher apresentará menos características do *talian* em sua linguagem.

#### 5.1.2.2.3 Variação diageracional

Com o estudo da variação na dimensão *diageracional*, será possível analisar como as duas gerações pesquisadas se comportam linguisticamente, com maior ou menor influência do *talian* frente ao PB da região. A hipótese é de que os falantes jovens tendem a utilizar mais as formas de prestígio do PB e que os falantes mais velhos tendem a preservar a influência do *talian*, forma de menor prestígio.

### 5.3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Foram entrevistados vinte e quatro informantes, a saber:

QUADRO 2: DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES

	HOMENS		MULHERES	
	20 a 35 anos	+ de 45 anos	20 a 35 anos	+ de 45 anos
<b>Ens. Fund. Incompleto</b>	2	2	2	2
<b>Ens. Fund. Completo</b>	2	2	2	2
<b>Ensino Médio</b>	2	2	2	2
<b>TOTAL</b>				<b>24</b>

A amostra constitui-se de textos orais, obtidos através de entrevistas, gravados em material digital<sup>29</sup>, com falantes que residem/sempré residiram no município de Vargeão (SC). Os informantes são, em maior parte, de ascendência italiana, outros brasileiros. Não há informantes de ascendência alemã tampouco em casamento interétnico italiano/alemão ou brasileiro/alemão. Há casamentos do tipo italiano/italiano, italiano/brasileiro e brasileiro/brasileiro.

As gravações foram feitas com questionamentos aos informantes, que produziram as variáveis linguísticas em estudo. O procedimento de análise de fala produzida levará em conta o fato de que o inquiridor, no caso o autor do estudo, faz parte da comunidade de fala. Espera-se, assim, que o vernáculo aflore nas entrevistas deste estudo.

Houve um pouco de dificuldade em encontrar informantes-alvo para as entrevistas, principalmente em se encontrar informantes mais velhos que possuíssem ensino médio completo. Também nem todos os informantes-alvo

<sup>29</sup> Frequência de amostragem do sinal: 44.100Hz.

aceitaram conceder a entrevista, o que dificultou mais ainda o trabalho. Os problemas foram resolvidos após elaboração de novo levantamento de possíveis informantes.

Tendo o banco de informantes completo, as gravações foram agendadas e realizadas na residência dos mesmos.

De início, foi aplicado questionário de levantamento de dados pessoais dos informantes. As respostas foram gravadas e também anotadas. Quanto ao assunto da entrevista, e buscando-se ativar o vernáculo<sup>30</sup>, e sabendo-se que somente é possível ativar a fala menos monitorada com questionamentos que envolvam situações psicológicas, como passado, momentos da vida, família, doença, morte, assalto, etc., os informantes foram instigados a relatarem sobre sua infância, contando histórias que viveram neste período, descrevendo cenários, entre outros. Para evitar artificialidade, não foi dito que o material gravado serviria para pesquisa linguística, mas sim que a transcrição das histórias coletadas faria parte de um livro sobre as memórias da infância das pessoas da cidade<sup>31</sup>. A produção do livro será a contrapartida do pesquisador para com os informantes. Importante lembrar que os informantes autorizaram, verbalmente, o uso material gravado para fins de pesquisa.

Para algumas entrevistas foi necessária a presença de um intermediador que, no caso, também é um informante, escolhido por possuir vínculo de amizade com alguns informantes pouco conhecidos do pesquisador.

As entrevistas ocorreram entre julho de 2010 e maio de 2011 e têm, aproximadamente, 30 minutos de duração cada, totalizando 720 minutos de gravação, ou seja, 12 horas.

Depois de coletado o material de pesquisa, a etapa seguinte realizada foi a de transcrição dos vocábulos com alguma das variáveis em estudo. De início, não foram transcritas na totalidade as entrevistas, somente o material de interesse. A análise foi do tipo 'oitiva'.

Com os dados já selecionados e transcritos, foram produzidas tabelas das ocorrências, com finalidade estatística, apresentando as quantidades de ocorrências encontradas.

---

<sup>30</sup> Na concepção laboviana, vernáculo é o estilo menos monitorado de fala.

<sup>31</sup> Em um segundo momento, as histórias relatadas serão transcritas, reescritas com adaptações e publicadas.

Em seguida, para testar se há variação, os dados foram codificados e rodados no programa GoldVarb2001 que confronta informações e atribui pesos relativos aos dados; sendo assim possível fazer uma análise sociolinguística quantitativa e qualitativa das informações. Para cada quadro gerado foi elaborada uma análise, discutindo os resultados obtidos e verificando se as hipóteses levantadas no início do estudo se confirmam ou não.

## CAPÍTULO VI

### ANÁLISE DOS RESULTADOS

*Ti ricordi Adelina  
Sotto l'ombra di quel ramo  
Mi device ti amo, ti amo  
Ma era tutta falsità.  
Ma perchè, ma perchè  
Adelina non pensi più me?  
Ma perchè ma perchè, ma perchè.  
I bersaglieri sono meglio di te...  
"Ti ricordi Adelina" ( Anzolin)*

## 6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados, com tratamento, relacionando os dados obtidos de cada variável aos parâmetros sociais apontados na Metodologia e fazendo uma análise variacionista dos resultados.

### 6.1 RODADAS DOS DADOS

Na tabela a seguir, o total das ocorrências selecionadas para a rodada de dados:

TABELA 1: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS PESQUISADAS

VARIÁVEL	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Róticos	408	8
[o] final átono	2005	38
[e] final átono	809	15
[a] diante de nasal	424	9
[ẽ]	417	8
Ditongo final tônico [ẽw̃]	580	11
[ʃ]	262	5
[ʒ]	306	6
<b>Total</b>	<b>5211</b>	<b>100%</b>

Selecionadas as ocorrências, passemos para a análise individual das variáveis e a atribuição dos pesos relativos para as ocorrências.

### 6.2 ANÁLISE DO RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

O programa GoldVarb2001 seleciona algumas variáveis, considerando-as mais relevantes estatisticamente para a análise, e exclui outras, as menos relevantes. Apresentaremos os dados, nos quadros das variáveis não selecionadas,

apenas em percentuais e, nos quadros com os resultados das variáveis selecionadas, os dados em percentuais e em pesos relativos.

Para ler as tabelas são necessários alguns critérios. Se os dados fizerem referência somente aos resultados estatísticos, os percentuais são somados nas *linhas* e são dados os valores *totais* nas últimas células da tabela. Se os dados apresentados nas tabelas forem sobre os pesos relativos, o que se lê na tabela são os dados de uma determinada variável em relação ao seu universo de corpus. Então, se o valor de aplicação para esta rodada é o [r], por exemplo, e temos para o sexo masculino um total de 11% das ocorrências, significa que para o [r], que não foi o valor de aplicação e não está na tabela, o total de ocorrências em percentuais é de 89%, totalizando, assim, 100%.

#### 6.2.1 Variável “Neutralização da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] e da consoante *tap*, alveolar, vozeada [r]”

Para esta variável em estudo, foi considerado o seguinte número de dados de ocorrências:

TABELA 2: OCORRÊNCIAS TOTAL DOS RÓTICOS

[r]		[r]		Total	
Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
95	23	313	77	408	100

Há, contudo, nos dados pesquisados, 6 ocorrências de outro rótico, [h], as quais necessitaram ser excluídas da rodada de dados porque apresentariam nocaute devido a sua baixa recorrência no universo do corpus. Entendemos nocaute como “um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente”, (GUY e ZILLES, 2007, p. 158). Se o fator representa 0% ou 100% dos dados, não há variação e,

portanto, não se faz necessária sua análise. O 0% pode ser referente a células vazias, isto é, as que não foram preenchidas por nenhuma ocorrência da variável.

O valor de aplicação define qual das variedades estudadas é a hipótese de preferência dos falantes. Os dados foram rodados com valor de aplicação [r], tida como a ideal para esta rodada. Obtivemos duas variáveis não selecionadas para análise, e são elas:

TABELA 3: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DOS RÓTICOS – POR CONTEXTO

<b>Contexto</b>	<b>[r]</b>	<b>%</b>	<b>[r]</b>	<b>%</b>
Início de palavra	40	20	160	80
Início de sílaba medial	55	27	153	73

A outra variável não selecionada para a análise diz respeito à faixa etária dos informantes. Os dados excluídos da rodada, em percentuais, são os seguintes:

TABELA 4: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DOS RÓTICOS – POR FAIXA ETÁRIA

<b>Faixa etária</b>	<b>[r]</b>	<b>%</b>	<b>[r]</b>	<b>%</b>
20 – 35 anos	39	24	127	76
+ de 45 anos	56	24	186	76

Passemos agora às variáveis selecionadas pelo programa, em ordem. A primeira variável selecionada pelo programa foi a variável sexo. Há grande predominância no uso de [r] pelas mulheres e desfavorecimento de uso pelos homens, conforme se observa nos resultados do peso relativo.

TABELA 5: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [r] – POR SEXO

<b>Sexo</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Masculino	26	11	.31
Feminino	69	41	.75

Nossa hipótese de pesquisa é confirmada pelos dados, já que tomávamos a mulher como pioneira na inovação, no emprego de formas menos estigmatizadas,

como seria o caso do emprego do [r]. Para o sexo feminino, obtivemos .75 para a pronúncia de [r], um índice relativamente alto em comparação com o índice para os homens, que é de .31.

A segunda variável selecionada pelo programa para análise diz respeito ao contexto linguístico em que podem ocorrer os róticos. Há favorecimento do uso de [r] quando o rótico for precedido de pausa (.77) ou de consoante (.66), e desfavorecimento quando precedido de vogal (.46).

TABELA 6: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [r] - CONTEXTO LINGUÍSTICO

Contexto anterior	Ocorrências <sup>32</sup>	%	Peso Relativo
Vogal	31	18	.46
Consoante	4	27	.66
Pausa	5	39	.77

A terceira variável selecionada para análise é a escolaridade dos informantes. Há grande ocorrência (.61) de [r] para informantes com Ensino Fundamental Completo, seguida pelos informantes com Ensino Médio (.54). A pronúncia do [r] não é favorecida nos dados dos informantes com Ensino Fundamental Incompleto, o que confirma a hipótese de que, quanto menor a escolaridade do informante, mais traços do *talian* ele apresenta em sua fala, considerando a produção do [r] como a mais representativa para o *talian*.

TABELA 7: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [r] – POR ESCOLARIDADE

Escolaridade	Ocorrências	%	Peso Relativo
Fund. Inc.	15	12	.33
Fund. Comp.	46	29	.61
Médio	34	28	.54

<sup>32</sup> O número de 40 ocorrências apresentado no quadro difere do apresentado no início da seção, de 95, porque não foram listados os casos em que a regra não se aplica, como em posição de sílaba medial, já que a variável só pode ocorrer entre vogais, neste caso.

### 6.2.2 Variável “O (não) alçamento da vogal anterior, média-alta, meio fechada [e] e da vogal posterior, média-alta, meio-fechada [ɪ] em posição átona final”

Começamos analisando o resultado dos dados relativos ao alçamento da vogal [e]. No total de ocorrências, temos:

TABELA 8: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS TOTAL DE [e] E [ɪ]

[e]		[ɪ]		Total	
Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
711	88	98	12	809	100

Rodamos os dados com valor de aplicação em [ɪ]. Uma variável não foi selecionada para análise, a faixa etária. O número de dados para esta variável, em percentuais, é o que segue:

TABELA 9: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [e] E DO [ɪ] – POR IDADE

Faixa etária	[e]		[ɪ]	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%
20 – 35 anos	364	87	57	13
+ de 45 anos	347	90	41	10

Quanto às variáveis selecionadas para análise, obtivemos, em ordem, as que seguem:

TABELA 10: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [e] E DO [ɪ] – CONTEXTO SEGUINTE

Contexto seguinte	Ocorrências	%	Peso Relativo
Vogal	45	20	.68
Consoante	35	8	.41
Pausa	18	10	.48

A pronúncia de [ɪ] obteve maior peso relativo (.68) quando precede vogal, e baixo índice quando precede pausa (.48) e consoante (.41).

Quanto ao sexo dos informantes, os homens são os que produzem mais [ɪ], com peso relativo de .57 para este sexo. Vejamos:

TABELA 11: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ɪ] – POR SEXO

<b>Sexo</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Masculino	59	14	.57
Feminino	39	10	.44

O resultado do peso relativo de .44 para as mulheres é próximo ao ponto neutro .50, mas distante de .57 para os homens. As mulheres, então, produziram mais a forma estigmatizada [e], o que corrobora nossa hipótese, que indicava a mulher como pioneira na aplicação das formas inovadoras. Outro resultado interessante é o da terceira rodada, a escolaridade, em que se lê:

TABELA 12: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ɪ] – POR ESCOLARIDADE

<b>Escolaridade</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Fund. Inc.	41	14	.55
Fund. Comp.	20	9	.39
Médio	37	13	.55

Os dados de peso relativo de [ɪ] para ensino fundamental incompleto e ensino médio completo foram de .55, contra apenas .39 para os falantes com ensino fundamental completo. Os falantes com ensino fundamental completo utilizam, então, mais o [e]. O mais esperado seria que os falantes com menos escolaridade tendessem a utilizar mais a forma, que é marcadora das características do *talian*.

Passemos agora para os dados relativos ao alçamento de [o].

Um grande número de dados foi utilizado para a rodada desta variável. No total, foram 2005 ocorrências encontradas nos dados da gravação, distribuídas da seguinte forma:

TABELA 13: NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIAS DE [o] E [u]

[o]		[u]		Total	
Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
1518	76	487	24	2005	100

Os dados foram rodados com valor de aplicação em [u]. Duas variáveis foram excluídas pelo programa e duas foram selecionadas.

A primeira variável excluída foi a referente à idade dos informantes.

TABELA 14: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [o] E DO [u] – POR ESCOLARIDADE

Faixa etária	[o]		[u]	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%
20 – 35 anos	682	77	215	23
+ de 45 anos	836	76	272	24

A outra rodada excluída foi a relativa ao sexo dos informantes. Vejamos os resultados, em percentuais:

TABELA 15 :RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [o] E DO [u] – POR SEXO

Sexo	[o]		[u]	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%
Masculino	786	77	225	23
Feminino	732	74	262	25

As variáveis selecionadas pelo programa, em ordem, foram: contexto seguinte e escolaridade.

Para o contexto seguinte, obtivemos predominância da pronúncia [u] quando o contexto que segue é composto ou por vogal (peso relativo de .59) ou de pausa (peso relativo de (.57), assim como há um desfavorecimento quando o contexto que segue é de consoante (.43).

TABELA 16: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ʊ] – CONTEXTO SEGUINTE

Contexto seguinte	Ocorrências	%	Peso Relativo
Vogal	155	30	.59
Consoante	199	18	.43
Pausa	133	29	.57

Para escolaridade, os informantes menos escolarizados produziram mais o [o], ratificando nossa hipótese do estudo de que a forma mais característica do *talian* seria encontrada mais em falantes com essa escolaridade.

TABELA 17: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ʊ] – ESCOLARIDADE

Escolaridade	Ocorrências	%	Peso Relativo
Fund. Inc.	143	20	.45
Fund. Comp.	160	24	.51
Médio	184	27	.54

Do mesmo modo, a pronúncia de [ʊ] apresenta peso relativo favorável nos dados dos informantes com mais escolarização, com valores de .51 para escolaridade fundamental e .54 para escolaridade média.

### 6.2.3 Variável “Substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õw̃], [õ] ou [ũ]”

Para esta variável, alguns ajustes foram necessários para que pudesse ser rodado o programa estatístico, evitando os nocautes. O primeiro deles foi a exclusão da variante [ũ], usada apenas com variação lexical para o vocábulo *não*, pronunciado [ˈnũ]. A referida pronúncia foi encontrada em 37 dados.

Outro ajuste que se fez necessário, já que persistiam os nocautes, foi a amalgamação de duas variantes, a pronúncia [õw̃] e [õ]. Para a pronúncia [õw̃], foram encontradas nos dados 149 ocorrências, e para a pronúncia [õ], somente 7. Como ambas as variáveis são de natureza semelhante, tendo um [õ] como base, a amalgamação de ambas não interferia na análise total dos dados.

O número de ocorrências analisadas pelo programa, após os ajustes, é o que segue no quadro abaixo:

TABELA 18: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DOS DITONGOS NASAIS FINAIS TÔNICOS

[ẽw̃]		[õw̃] ou [õ]		Total	
Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
424	73	156	27	580	100

O valor de aplicação escolhido para a rodada dos dados foi o [ẽw̃]. Apenas o resultado de uma variável não foi selecionado para a análise, a da escolaridade dos falantes. As ocorrência pesquisados, em percentuais, são os que seguem:

TABELA 19: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DOS DITONGOS – POR ESCOLARIDADE

Escolaridade	[ẽw̃]		[õw̃] ou [õ]	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%
Fund. Inc.	140	70	62	30
Fund. Comp.	120	76	38	24
Médio	164	75	56	25

Três variáveis foram selecionadas para análise. Em ordem, idade, contexto seguinte e sexo. Observemos os dados para a idade.

TABELA 20: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ẽw̃]– POR IDADE

Faixa etária	Ocorrências	%	Peso Relativo
20 - 35 anos	228	90	.74
+ de 45 anos	196	60	.31

A hipótese de que os falantes mais jovens tendem a usar a pronúncia de maior prestígio [ẽw̃], relacionada ao português, é confirmada pelo resultado da rodada, em que foi atribuído peso relativo de .74 à pronúncia para a primeira faixa etária. A pronúncia de [õw̃] é desfavorecida nos dados dos falantes de idade superior a 45 anos, em que se obteve apenas .31 de peso relativo para a pronúncia.

O quadro seguinte contém os resultados referentes ao contexto seguinte dos ditongos:

TABELA 21: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ẽw̃] – POR CONTEXTO SEGUINTE

<b>Contexto seguinte</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Vogal	90	79	.57
Consoante	231	68	.41
Pausa	103	84	.69

Há um desfavorecimento da pronúncia [ẽw̃] quando o contexto que segue é composto por algum segmento consonantal, com apenas .41 de peso relativo para a ocorrência. Para contexto seguinte formado por vogal, o peso relativo atribuído foi de .57, e para contexto de pausa foi de .69, ambos índices favoráveis à pronúncia.

A última variável selecionada para a análise foi a relativa ao sexo dos informantes, em que se observa como resultados:

TABELA 22: RESULTADO DE OCORRÊNCIA DO [ẽw̃] – POR SEXO

<b>Sexo</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Masculino	222	80	.59
Feminino	202	68	.41

Como mostram os dados, os homens tendem a usar mais a forma de prestígio [ẽw̃] do que as mulheres. Para os homens o peso relativo obtido foi de .59, enquanto que para as mulheres, o peso relativo obtido foi de apenas .41. A hipótese norteadora deste estudo posiciona a mulher como pioneira na implementação das formas inovadoras, o que não se confirma nos dados.

6.2.4 Variável “Alternância da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] com a consoante fricativa, retroflexa, desvozeada [ʃ̠] e da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ] com a consoante fricativa, retroflexa, vozeada [ʒ̠]”

Apesar de numerosos os dados pesquisados para a variável, não foi possível rodar o programa de análise, já que os percentuais de ocorrência de [j] e de [ʒ] frente [s] e [z], respectivamente, foram de 100%, não havendo variação.

Observemos o quadro abaixo para [j] e [s]:

TABELA 23: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE [j] E [s]

[j]		[s]		Total	
Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
262	100	0	0	262	100

E para [ʒ] e [z]:

TABELA 24: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE [ʒ] E [z]

[ʒ]		[z]		Total	
Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
306	100	0	0	306	100

Deste modo, é possível afirmar que os falantes da comunidade pesquisada apresentam pronúncia regular de [j] e de [ʒ] e que a pronúncia de [s] e [z] não foi encontrada no referido dialeto.

#### 6.2.5 Variável “Pronúncia da vogal anterior, baixa, aberta [a] diante de consoante nasal e pronúncia da vogal nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ]”

No início da pesquisa, os dados para [a] diante de consoante nasal e pronúncia da vogal nasal [ẽ] eram tratados da mesma forma. Contudo, ao avançarmos a pesquisa, percebemos que os resultados seriam mais significativos se analisássemos cada variável separadamente, evitando generalizações não pertinentes nesse caso.

Iniciemos com a análise para [a] diante de consoante nasal.

O número de ocorrências analisadas foi de 424, divididas do seguinte modo:

TABELA 25: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DA VOGAL [a] DIANTE DE CONSOANTE NASAL

[a]		[ẽ]		Total	
Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
245	58	179	42	424	100

Os dados foram rodados no programa estatístico com valor de aplicação [a]. Das quatro variáveis, duas foram selecionadas e duas excluídas. Começamos listando os dados percentuais para as variáveis excluídas, que dizem respeito ao sexo dos informantes e à escolaridade. Para o sexo, obtivemos:

TABELA 26: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [a] DIANTE DE NASAL– POR SEXO

Sexo	[a]		[ẽ]	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%
Masculino	102	57	79	43
Feminino	143	59	100	41

Para a escolaridade, os dados percentuais das ocorrências foram:

TABELA 27: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [a] DIANTE DE NASAL– POR ESCOLARIDADE

Escolaridade	[a]		[ẽ]	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%
Fund. Inc.	87	59	62	41
Fund. Comp.	79	59	56	41
Médio	79	56	61	44

As variáveis selecionadas, em ordem, são as seguintes:

TABELA 28: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [a] DIANTE DE NASAL– TONICIDADE

Tonicidade	Ocorrências	%	Peso Relativo
Átona	163	87	.80
Tônica	82	35	.24

A predominância da pronúncia de [a], sem nasalização, é favorecida quando o [a] ocupa posição átona no vocábulo (peso relativo de .80). O resultado, na verdade era esperado, já que a maior parte dos vocábulos em língua portuguesa são produzidos dessa forma.

Para a variável faixa etária, a pronúncia favorecida é a dos informantes com mais de 45 anos, com peso relativo de .58 para a pronúncia [a]. Portanto, informantes mais velhos tenderiam a realizar o [a] com relação ao [ẽ]. Abaixo o quadro com os resultados para a variável.

TABELA 29: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [a] DIANTE DE NASAL– IDADE

<b>Faixa etária</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
20 - 35 anos	95	52	.40
+ de 45 anos	150	63	.58

Passemos agora à análise da vogal [ẽ].

Um total de 417 ocorrências foram encontradas no material de pesquisa para esta variável e estão divididas do seguinte modo:

TABELA 30: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DA VOGAL [ẽ]

<b>[a]</b>		<b>[ẽ]</b>		<b>Total</b>	
<b>Ocorr.</b>	<b>%</b>	<b>Ocorr.</b>	<b>%</b>	<b>Ocorr.</b>	<b>%</b>
27	7	390	93	417	100

O valor de aplicação tido como ideal para a rodada foi o [ẽ]. Apenas os resultados para o contexto tônico não foram selecionados pelo programa, e são os seguintes:

TABELA 31: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DA VOGAL [ẽ] - TONICIDADE

<b>Tonicidade</b>	<b>[a]</b>		<b>[ẽ]</b>	
	<b>Ocorr.</b>	<b>%</b>	<b>Ocorr.</b>	<b>%</b>
Átona	9	8	111	92
Tônica	18	7	279	93

As variáveis selecionadas foram, em ordem: escolaridade, sexo e idade.

TABELA 32: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ẽ] – ESCOLARIDADE

<b>Escolaridade</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Fund. Inc.	129	84	.07
Fund. Comp.	132	97	.79
Médio	129	99	.82

O peso relativo para os falantes com ensino fundamental incompleto é baixíssimo, apenas .07, muito desfavorável para a pronúncia [ẽ]. Em contraponto, os índices para os outros níveis de escolaridade pode ser considerado alto, com .79 para ensino fundamental completo e .82 para ensino médio, o que caracteriza preferência da pronúncia de [ẽ] destes falantes. Os dados obtidos para esta variável são condizentes com nossa hipótese de estudo, em que os falantes menos escolarizados tenderiam a utilizar as formas mais ligadas ao *talian*, no caso, a pronúncia do [ẽ] como [a].

Os índices para a pronúncia de [ẽ] são mais altos quando os informantes são do sexo masculino, com .89 de peso relativo para a pronúncia neste sexo, o que contraria nossa hipótese, que colocava a mulher como pioneira na inovação. Para o sexo feminino, o peso relativo foi de apenas .11, como verificamos abaixo:

TABELA 33: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ẽ] – SEXO

<b>Sexo</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Masculino	203	99	.89
Feminino	187	88	.11

Os dados para a faixa etária dos informantes confirmam nossa hipótese de que os falantes de maior idade tendem a utilizar mais as formas características do *talian*, ao contrário dos de menor idade. Vejamos o resultado da rodada:

TABELA 34: RESULTADO DE OCORRÊNCIAS DO [ẽ] – IDADE

<b>Faixa etária</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
20 - 35 anos	168	98	.87
+ de 45 anos	222	89	.21

O peso relativo para a primeira faixa etária foi de .87, índice alto, enquanto que para os da segunda faixa foi de apenas .21. Então, neste caso, a pronúncia do [ẽ] é característica dos falantes mais jovens, enquanto que a do [a] é característica dos mais velhos.

### 6.3 QUADRO SINTÉTICO DOS RESULTADOS

A seguir, apresentamos um quadro sintético com os resultados obtidos após a rodada e análise dos dados.

QUADRO 3: QUADRO SINTÉTICO DOS RESULTADOS

<b>Variável</b>	<b>Resultados</b>
[r]	Realização da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] predominantemente por mulheres, com ensino fundamental completo ou ensino médio, quando o contexto linguístico for anterior a consoante ou pausa.
[e]	O uso da vogal anterior, alta, fechada, reduzida [ɪ] ocorre predominantemente em contexto anterior a vogais, com maior incidência nos homens de ensino fundamental incompleto ou ensino médio.
[o]	Encontramos o uso da vogal posterior, alta, fechada, reduzida [ʊ] predominando quando o contexto linguístico for anterior a vogais ou pausa, e realizado por falantes de mais escolarizados (ensino fundamental completo ou ensino médio).
[ẽw̃]	A pronúncia do ditongo [ẽw̃] é encontrada, principalmente, em falantes homens mais jovens, e quando for seguida por contexto linguístico composto por vogal ou pausa.
[ʃ]	A ocorrência da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] é regular em todos os contextos e em todos os falantes.
[ʒ]	A pronúncia da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ] é regular em todos os contextos e em todos os falantes.
[a]	O uso da vogal anterior, baixa, aberta [a] diante de consoante nasal, ao contrário do uso da nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ], é favorecido quando a vogal ocupa posição átona e quando o falante tem idade superior a 45 anos.

<b>Variável</b>	<b>Resultados</b>
[ẽ]	Os falantes mais escolarizados, com ensino fundamental completo ou ensino médio, do sexo masculino e mais jovens, tendem a utilizar mais da nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ] do que a vogal anterior, baixa, aberta [a].

## CAPÍTULO VII

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.  
"Da L'Itàlia noi siamo partiti" (Anzolin)*

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo o de investigar uma comunidade de fala colonizada por descendentes de italianos para descrever as variações fonéticas possíveis de se encontrar no dialeto local causadas pela influência do bilinguismo *talian*-português. Para tanto, a cidade de Vargeão (SC) foi a escolhida para a pesquisa, pois atendia aos parâmetros necessários para a análise, como o referido fato de ser colonizada por descendentes de italianos, que, no caso, são provindos do Rio Grande do Sul, e possuir os informantes necessários para a coleta dos dados.

Importante lembrar que a cidade em estudo, localizada no Oeste do estado de Santa Catarina, teve seu início por volta do ano de 1938, em uma das campanhas promovidas pelo governo para desbravamento de terras e regiões ainda não exploradas. A cidade, no caso, foi desbravada por meio da Colonizadora Cruzeiro, que trouxe para as terras colonos que moravam no Rio Grande do Sul, geralmente bilíngues *talian*-português, para ocupar as terras. Esses colonos eram, em sua maioria, filhos de italianos que habitavam o Norte da Itália e imigraram para o Brasil motivados por causas políticas e sociais.

Como os imigrantes italianos que desembarcaram no Brasil eram de diferentes regiões da Itália, e sabendo-se que há uma grande variedade de dialetos falados naquela região, uma língua de comunicação foi criada para atender às necessidades comunicativas de todos: aí que surge o *talian*, fruto da mistura do vêneto com dialetos minoritários, como o friulano e o lombardo. Contudo, devido às necessidades comunicativas (e políticas, como abordadas anteriormente), os descendentes necessitaram aprender o português, a língua nacional, usando o *talian* em contextos mais específicos, como o familiar ou situações informais.

Diferenças nos sistemas fonológicos do *talian* e do português fizeram com que os falantes bilíngues empregassem estruturas particulares do *talian* quando em uso estava o português, por não conseguirem fazer distinção entre ambas as estruturas. Foram geradas, assim, interferências fonéticas no idioma local, interferências que são as caracterizadoras do dialeto da cidade e, conseqüentemente, as caracterizadoras da identidade linguística dos informantes.

Os pressupostos teóricos utilizados para esta pesquisa tomam a língua como fato social e são baseados nos trabalhos de Labov (1972). Considerando, então, que a língua é social, que é mutável e não uniforme, e acompanha os movimentos sociais, já que é inerente à sociedade, é de se considerar, neste estudo, que a língua falada no tempo da colonização e a língua falada quando da coleta de dados (2011) já não é mais a mesma, porque a sociedade passou por inúmeras transformações neste entremeio de período de tempo. Novas gerações foram se estabelecendo, com influências culturais diferentes das de outrora, gerações com maior escolarização, maior acesso à informação... Todas essas mudanças sociais podem interferir na língua, e por isso que testamos dados com falantes de diferentes grupos sociais.

Por meio da análise dos dados obtidos nas entrevistas de fala espontânea com os 24 informantes, de três fatores sociais escolhidos para a pesquisa (sexo, escolaridade e idade) e do controle de variáveis linguísticas, foi possível traçar um perfil (que será apresentado a seguir) do falante do local e identificar com precisão quais traços do *talian* ainda se manifestam no dialeto local.

Nossa hipótese geral considerava que a aplicabilidade dos padrões fonéticos do *talian* no português brasileiro da cidade em estudo tem variado, em um movimento que favorece a perda das características do *talian* frente às do português. Para os fatores sociais, as hipóteses eram de que a mulher tende a ser mais conservadora, empregando mais as formas típicas do *talian*; que quanto maior a escolaridade maior o uso das formas relativas ao português; e que quanto mais alta a faixa etária, maior a influência dos padrões do *talian* na língua dos falantes.

Vamos conferir se os resultados confirmam as hipóteses.

Para o sexo dos informantes, os resultados selecionados pelo programa estatístico e, portanto, os relevantes para a pesquisa, mostraram que as mulheres são as mais conservadoras, empregando mais as formas típicas do *talian*, como a vogal anterior, media-alta, meio fechada [e] em posição átona final e a não realização da nasalização da nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ]. Os dois resultados corroboram nossa hipótese adotada, de que “a mulher tende a ser mais conservadora”, o que não acontece para a variável “neutralização da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] e da consoante *tap*, alveolar, vozeada [r]”, que

mostrou a mulher como inovadora, utilizando mais a variante esperada para o português, o [r] ao invés do [r̄], a considerada como marca do *talian*.

Quanto à *escolaridade*, os resultados se mostraram favoráveis para a hipótese de que “quanto mais escolarizado o falante, mais as formas do português prevaleceriam”. Os dados relevantes selecionados pelo programa estatístico mostram que a pronúncia da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r], da vogal posterior, alta, fechada, reduzida [ʊ] em posição átona final e da pronúncia da vogal nasal, posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ] são recorrentes em falantes com ensino fundamental completo e ensino médio. A única variável que destoa das demais é a pronúncia da vogal anterior, alta, fechada, reduzida [ɪ] em posição átona final, que ocorre tanto em falantes com ensino fundamental incompleto quanto em falantes com ensino médio.

Para a *faixa etária* dos informantes, que pertenciam a duas categorias, de 20 a 35 anos ou com mais de 45 anos, os resultados também apontaram para uma maior empregabilidade das formas do português em informantes mais jovens, confirmando nossa hipótese de que esses informantes tenderiam à inovação. A pronúncia do ditongo [ẽw̃] ao contrário de suas variantes, a pronúncia da vogal anterior, baixa, aberta [a] diante de consoante nasal (pronunciada como [ẽ] nos dados) e a pronúncia da vogal nasal, posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ] ao contrário de [a] foram os três resultados mais significativos para a faixa etária.

Os resultados da pesquisa não mostraram variação para duas variáveis pesquisadas, a alternância de pronúncia da consoante fricativa, alveolopalatal, desvozeada [ʃ] com a consoante fricativa, retroflexa, desvozeada [ʃ̣] e da consoante fricativa, alveolopalatal, vozeada [ʒ] com a consoante fricativa, retroflexa, vozeada [ʒ̣]. Portanto, como essas variáveis não se encontram mais no dialeto estudado, são características do *talian* que desapareceram do idioma local, o que confirma, para estas variáveis, nossa hipótese geral do estudo.

O programa GoldVar2001 selecionou alguns contextos linguísticos favoráveis à produção das variáveis, que são os que seguem, como informação complementar: a produção do [r] em final de palavra prevalece quando o contexto seguinte for de pausa ou consoante; a produção do [ɪ] átono final prevalece quando o contexto

seguinte for vocálico; o [ʊ] átono final ocorre predominantemente quando seguido de vogal ou pausa; o ditongo nasal final tônico [ẽw̃] prevalece quando sucedido por vogal ou pausa; e a pronúncia de [a] ao contrário de [ẽ] diante de consoante nasal ocorre predominantemente quando a vogal ocupa posição átona na palavra.

Em síntese, a hipótese geral do estudo foi confirmada, com os dados evidenciando o uso maior das formas tidas como características do português frente às consideradas características do *talian*, mostrando que a língua do local tem variado no tempo, perdendo, o *talian*, seu prestígio social.

As descrições apontadas anteriormente contribuem significativamente para uma melhor descrição do português brasileiro, e, no caso, para a descrição de falares influenciados por algum dialeto italiano. Contudo, o estudo apresenta algumas limitações.

Quanto à metodologia empregada no trabalho, os resultados poderiam ser mais precisos se houvesse um número maior de informantes, com uma possível maior variedade de dados. Também uma análise acústica do material coletado nas entrevistas poderia apontar outros traços relevantes não apontados na análise de oitiva executada nesta pesquisa. A escolha de 24 informantes, dos três grupos sociais, e a análise de oitiva, se justificam pela dimensão deste trabalho. Se aumentássemos o número de informantes e analisássemos todo o material coletado acusticamente, teríamos uma sobrecarga de trabalho, não adequada para uma pesquisa desta proporção. Ademais, um aumento no número de informantes não garante uma maior variedade de dados, já que uma coisa não implica diretamente na outra.

Alguns procedimentos adotados no tratamento das variáveis linguísticas também geraram limitações na análise dos dados. Para que o programa estatístico GoldVarb2001 pudesse rodar, algumas alterações necessitaram ser feitas no conjunto de dados, como amalgamação das variantes para [ẽw̃] (no caso, o [õw̃] e o [õ]) ou a exclusão da variante [h] na rodada dos róticos, por exemplo. As alterações necessitaram ser feitas porque o número de dados encontrados nas entrevistas para as variáveis era baixo, inviabilizando os confrontos estatísticos aplicados pelo programa que resultam na atribuição de pesos relativos para as variáveis.

Entretanto, mesmo com as limitações apontadas acima, os procedimentos adotados neste estudo geraram resultados confiáveis para garantir cientificidade à

pesquisa e são os mais adequados para trabalhos deste porte. Ademais, todos os procedimentos que foram adotados são condizentes com os pressupostos teórico-metodológicos aplicáveis às pesquisas sociolinguísticas e fazem jus aos preconizados pelos teóricos da área, especialmente por Labov (1972).

O dialeto estudado ainda carece de pesquisas, principalmente as que envolvem aspectos morfossintáticos, lexicais ou prosódicos, os quais não foram contemplados neste estudo. Espera-se que esta pesquisa seja pioneira e que possa servir de estímulo para a realização de outras pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, D. **Elements of General Phonetics**. Edinburgh University Press. Edinburgh, 1967.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias linguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino. **Variação e mudança no português falado da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2002. p. 115-145.

**ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)**. Volume 1: Introdução; Volume 2: Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et. al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

BATTISTI, Elisa. **A nasalização no português brasileiro e a redução de ditongos nasais átonos**: uma abordagem baseada em restrições. Porto Alegre: UFRGS/PUC, 1997. Tese de Doutorado.

BENTIVOGLIO, P. **A variação nos estudos sintáticos**. Estudos Lingüísticos, n. 15, p. 7-29, 1987.

BISOL, Leda. **O ditongo na perspectiva da fonologia atual**. São Paulo D.E.L.T.A., 1989, v.5, n.2,.

BUSANELLO, Pio José. **A história da nossa gente**. Santa Maria: Ed. Pallotti, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Campinas: Unicamp, 1981. Tese de Livre Docência.

CALVET, Jean-Louis. **Sociolingüística** – uma introdução crítica. (tradução Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CLEMENTE, Felipe Costa. **Retroflexão gradiente nos róticos em coda no PB de Curitiba**. Curitiba: UFPR, 2009. Dissertação de mestrado.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Linguistic Change or Language Death?** manuscrito. Trabalho aceito para ser apresentado no 12th International Congress of Ethnological and Anthropological Sciences in Zagreb. 1988

\_\_\_\_\_. **Fonética e fonologia do Português** – roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2007.

DE BONI, L. A.; COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Correio Riograndense, 1984.

DORIAN, N. **Grammatical Change in a Dying Dialect.** Language 49, 1973.

DÜCK, Elvine Siemens. **Witmarsum, uma comunidade trilingüe:** Plautdietsch, Hochdeutsch e português. Curitiba: UFPR, 2005. Dissertação de mestrado.

FÁVERI, Marlene de. **Memória de uma (outra) guerra:** cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002. Tese de Doutorado.

FERGUSON, Charles. A. **Diglossia.** Word. 15, abril, Journal of linguistics, 1959.

\_\_\_\_\_. Diglossia. In: FONSECA, Maria S. V. da; NEVES, Moema F. (Orgs). **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974.

FERRAZ, Irineu da Silva. **Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro:** dados de informantes de Pato Branco (PR). Curitiba: UFPR, 2005. Dissertação de mestrado.

FISHMAN, J. **Bilingualism with and without diglossia, diglossia with and without bilingualism.** Journal of Social Issues, n. 23, v.2, 1967.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos:** um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul Grande do Sul. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 1983.

GARCIA, E. **Shifting variation.** Lingua, n. 67, p. 189-224, 1985.

GUY, Gregory. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese:** aspects of the phonology, syntax and language history. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. Tese de Doutorado.

GUY, Gregory R. e ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa** – instrumento de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEYE, Jürgen. **Multilingualism and language maintenance in the Canton of Ticino, Switzerland.** Haia: Mouton, 1974.

\_\_\_\_\_. **Considerações sobre bilingüismo e bilinguagem:** revisão de uma questão. Rio de Janeiro: Revista Palavra- PUC/Rio, 2003. Volume temático: Línguas em contato, n.11, p. 30-38.

HISTÓRIA da cidade de Cianorte (PR). Disponível em: <http://www.cianorte.pr.gov.br/pagina.php?codigo=2&title=Historia+de+Cianorte>. Acessado em 26 dez. 2011.

HISTÓRICO do município de Vargeão (SC). Disponível em: <http://vargeao.sc.gov.br/conteudo/?item=13327&fa=10585&PHPSESSID=rds2a3br9m8p53un3530e2i7t3>. Acessado em 10 jul. 2011.

HUDSON, Richard A. **Sociolinguistic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

IANNI, Octávio. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. In.: **Imigração italiana: estudos**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1979. p. 11-28.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2007.

IMAGEM do astroblema de Vargeão (SC). Disponível em: [http://vsites.unb.br/ig/galeria/029c\\_DomoVargeaoSC\\_2.htm](http://vsites.unb.br/ig/galeria/029c_DomoVargeaoSC_2.htm). Acessado em 23 dez. 2011

KLOSS, Heinz. **Über Diglossie** : Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik. Wiesbaden: Heft 51, 1986.

LABOV, William. **Where does the linguistic variable stop?** A responde to Beatriz Lavandera. In.: Sociolinguistic Working Paper, n° 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978, p. 1-17.

\_\_\_\_\_. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: **Language variation and change**. Cambridge University Press, v. 2, 1990

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. **The sound of the world's languages**. Cambridge: Blackwell, 1996.

LAVANDERA, B. **Where does the sociolinguistic variable stop?** In: Language in Society, n. 7, 1977.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 1998.

LUZZATTO, Darcy L. **Talian (vêneto brasileiro): noções de gramática, história, cultura**. Porto Alegre: Sagra: 1994.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. **Reading in the Sociology of Language**. Third printing, Paris, 1972.

MADDIESON, Ian. **Patterns of sounds**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese de Doutorado.

MESCKA, Paulo Marçal. **Interferência fonológica do “dialeto italiano” na aprendizagem do português**. Porto Alegre: UFRGS, 1983. Dissertação de Mestrado.

MONARETTO, Valéria N. Oliveira. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253-268.

MONTEIRO, José L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

REIS, Marileia Silva dos. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Tese de Doutorado em Linguística.

**Resultados do Censo 2010**. Disponível em: [http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados\\_do\\_censo2010.php](http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php). Acessado em: 10 jul. 2011.

ROMAINE, Suzanne. **What is a speech community?** In: Sociolinguistic Variation in Speech Communities. London: Edward Arnold, 1982

RONCARATI, C. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M. da C & DUARTE, M. E. L. (Org.) **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003. p. 139-157.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970. (Org. Charles Bally e Albert Sechehaye).

SPESSATTO, Marizete B. **Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó**. Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação de Mestrado.

TARALLO, Fernando. **A estrutura na variação: do falante-ouvinte real ao falante-ouvinte real**. São Paulo: D.E.L.T.A., 1990.

TEKAVČIĆ, Pavao. **Grammatica Storica dell’Italiano – I – Fonematica**. Bologna: il Mulino, 2. ed., v. 1, 1974.

**The International Phonetic Alphabet**. Disponível em: [http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/IPA\\_chart\\_\(C\)2005.pdf](http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/IPA_chart_(C)2005.pdf). Acessado em 20 dez. 2010.

TRENTO, Lisandra. **A posteriorização /õw/ na alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ na fala de informantes bilíngues de terceira idade do município de Treze de Maio (SC) – evocação da tradição ítalo brasileira**. Tubarão: Unisul, 2006. Dissertação de mestrado.

VIEIRA, Hilda Gomes. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

WEINER, Judith. & LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of linguistics**, 19(1), 1983 [1977], (29-58).

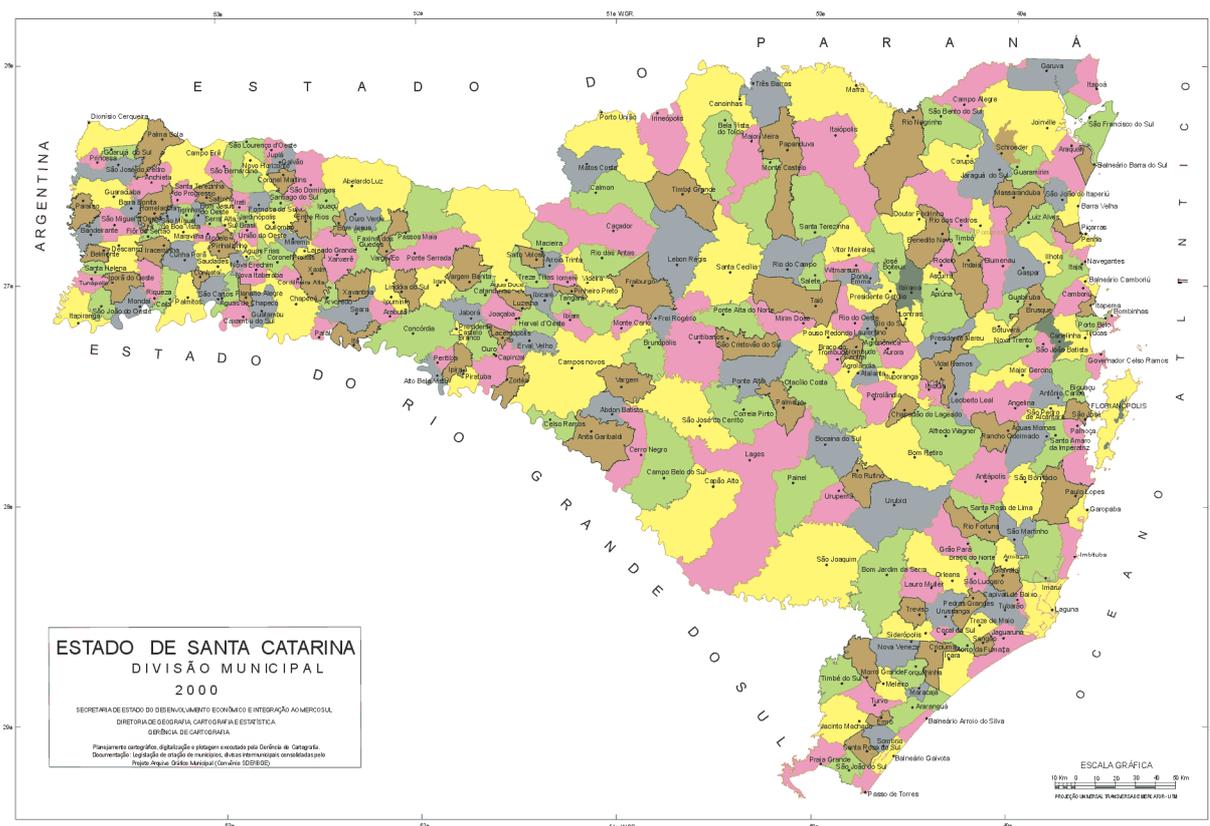
VON BORSTEL, Clarice Nadir. **Contato lingüístico e variação em duas comunidades bilíngües do Paraná**. Rio de Janeiro,: UFRJ, 1999. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. **A sociolinguística/pragmática em duas escolas de comunidade de etnia italiana**. Ponta Grossa: Revista Uniletras (UEPG), n. 26, dez. 2004.

## **ANEXOS**

## ANEXO I

### MAPA DE SANTA CATARINA



**Disponível em:** <http://www.sul-sc.com.br/afolha/cidades/image/mapasc.htm>.

Acessado em 30 dez. 2011.

## ANEXO II

### MAPA DO OESTE DE SANTA CATARINA



Disponível em <http://www.santacatarinaturismo.com.br/destinos.php?id=31>.

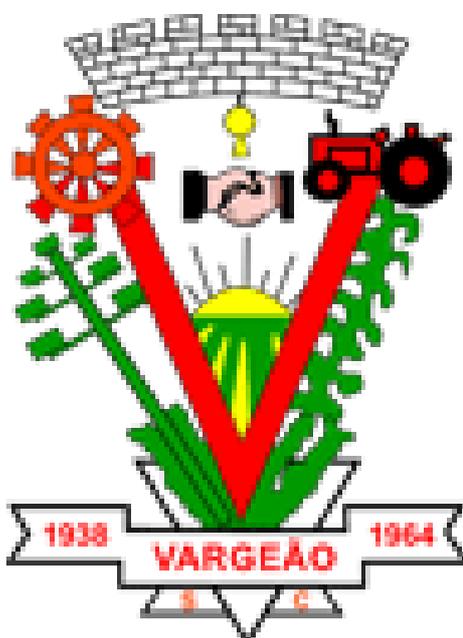
Acessado em 30 dez. 2011.

**ANEXO III**  
**MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE VARGEÃO**



**Disponível em:** [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SantaCatarina\\_Municip\\_Vargeao.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SantaCatarina_Municip_Vargeao.svg). Acessado em 30 dez. 2011.

**ANEXO IV**  
**BANDEIRA E BRASÃO DE VARGEÃO**



**Disponível em:** [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SantaCatarina\\_Municip\\_Vargeao.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SantaCatarina_Municip_Vargeao.svg). Acessado em 30 dez. 2011.

## **ANEXO V HISTÓRICO DE VARGEÃO**

### **VARGEÃO: BELO POR NATUREZA**

Vargeão teve seu início por volta de 1938, através da Colonizadora Cruzeiro, onde chegaram os primeiros colonizadores oriundos do Rio Grande do Sul em busca de terras férteis. A grande várzea existente no local deu origem ao nome Vargeão.

O primeiro colonizador que chegou foi Fortunato Danielli com seus filhos Jacinto e Mamante, posteriormente vieram suas famílias. Fixaram residência também, Isidoro Fiorini e sua esposa Helena, a qual foi a primeira mulher que aqui chegou. Ainda João Batista Berté e seus filhos. Em seguida as famílias Danielli, Frozza, Basso, Pavan, Capelina, Assolini e outras que iniciaram o desbravamento e em seguida a colonização da região.

A população nessa época, constituía-se, quase que na sua totalidade de descendentes italianos e assim, ficou como língua predominante o italiano.

Inúmeras dificuldades surgiram desde o início da colonização, falta de estradas, comunicação e a distância dos centros comerciais, deixando a Vila praticamente isolada. Aos poucos, os problemas foram se solucionando e na medida em que crescia a população, as necessidades foram vindo à tona. A primeira escola foi criada no dia 12 de março de 1950, tendo como primeira professora a Sra. Guilhermina Mattes Parizzoto que chegou em 15 de janeiro de 1939. A referida escola era uma espécie de associação mantida pela comunidade.

A primeira Igreja foi construída em 1953, também através de mutirão comunitário. O primeiro Padre foi o Sr. Luiz Heinen. Sua chegada foi em 1946, onde deu assistência durante 7 anos e 2 meses.

Lentamente inicia-se a expansão do comércio, a exploração da madeira e em pequena escala, a industrialização da erva-mate.

Com o desenvolvimento e o progresso em 1959, a Vila era elevada à categoria de Distrito, passando a pertencer ao município de Faxinal dos Guedes.

Em 16 de março de 1964, através da Lei Estadual nº 954, foi criado o Município de Vargeão e sua instalação definitiva se deu em 21 de abril do mesmo ano.

Pessoas que se destacaram e contribuíram para a história do Município:

Romildo Isotton foi o Primeiro Delegado, depois que Vargeão tornou-se município, nos anos de 1965 e 1966.

Bruno Henrique Brach, José Antonio Bonan e João Steffens Sponchiado foram os vereadores que faziam parte da câmara municipal e votaram o Projeto de Lei para a criação do município de Vargeão.

Bruno Henrique Brach criou o Colégio Fioravante Massolini, atualmente Escola de Educação Básica Kyrana Lacerda. Primeiro Prefeito provisório do município, durante um ano e 7 meses (21/04/1964 a 15/11/1965).

José Antonio Bonan foi vereador por duas legislaturas no município de Faxinal Dos Guedes. Foi eleito primeiro prefeito através do voto direto na gestão 15/11/1965 a 31/01/1970. Em sua legislatura atuaram como vereadores: Mamante Danielli, Albino Tiecher, Ângelo Boff, Romano Frozza, Alcides Gubert, Antonio S. Sponchiado e João Sponchiado. Foram suplentes: Francisco Parizzoto e Antonio L. Zanuzzo.

Mamante Danielli foi um dos sete primeiros vereadores e também o primeiro Vice-presidente da Câmara de Vereadores. Elegeu-se prefeito e assumiu de 31/01/1970 a 31/01/1973. Teve como Vice-prefeito Antonio S. Sponchiado. Os vereadores que assumiram foram: Lovino B. Danielli, Valdomiro Danielli, Ângelo Boff, Romano Frozza, Armando Schmidt, Pedro Gubert e João Sponchiado.

Antonio S. Sponchiado elegeu-se prefeito para o período de 31/01/1973 a 01/02/1977. Seu vice-prefeito Ângelo Boff foi o primeiro Presidente da Câmara de Vereadores e assumiu a Prefeitura Municipal por um período de 30 dias, quando projetou a construção do Colégio Fioravante Massolini. Nessa gestão assumiram como vereadores: Lovino Danielli, Albino Tiecher, Domingos Bonai, Romano Frozza, Armando Schmidt, Pedro Gubert e João S. Sponchiado. O suplente que assumiu foi Ortelino Cousseau.

Albino Tiecher foi prefeito de 31/01/1977 a 01/02/1983 e teve como vice-prefeito Marcos Bison. Foi vereador por duas Legislaturas. Na câmara de Vereadores assumiram: Moacir Luiz Salvi, Domingos Bonai, Jorge Baggio, Albino Gubert, Romano Frozza, Vitório de Marco e Ângelo Boff. Os suplentes que assumiram foram: Claudino Gubert, Luiz V. Berté, João Sachetti e Sérgio Rizotto.

Anelsi César Danielli teve como vice-prefeito Moacir L. Salvi e assumiu em 01/02/1983 a 01/01/1989. No Legislativo assumiram: Osório Gubert, Celso

Cavalheiro, Domingos Isotto, Romano Frozza, Hilário L. Cristófoli, Alciro Bertol e Aracy G. Palla. Como suplentes: Oscar Vieira dos Santos e Pedro da Silva Neto.

Maocir Luiz Salvi assumiu a prefeitura em 01/01/1989 a 31/12/1992 e teve como vice Valdemar Lorenzetti. Nessa gestão, assumiram como vereadores Celso Cavalheiro, Valdemir Ângelo Westerich, Alciro Bertol, Jaime L. Cousseau, Reinaldo Sponchiado, Espedito Boniatti, Itamar dos Passos T. Vieira e Loiro Angonese. Ficaram como suplentes Oscar Vieira dos Santos, Juraci Gregianin, Neudi C. Frozza, Euclides B. Conte e Germano Moretto.

Valdemar Lorenzetti foi prefeito no período de 01/01/1993 a 31/12/1996 e teve como vice José Antonio Bonan. No Legislativo assumiram Celso Cavalheiro, Juraci Gregianin, Alciro Bertol, Jaime L. Cousseau, Oscar Vieira dos Santos, Favarino da Silva Ribeiro, Erony Salete Bonan, Anelsi C. Danielli e Antonio Bonai. Os suplentes foram: Reinaldo Sponchiado, José Gubert e Nestor Angonese.

Anelci Cezar Danielli volta ao cargo de prefeito em 01/01/1997 até 31/12/2000 e teve como vice Hilário Cristófoli. Na Câmara de vereadores assumiram Albino Tiecher, Amarildo Paglia, Alciro Bertol, Dilvan C. Palla, Dirceu G. Gubert, Noeli dos Santos, Juraci Gregianin, Sezer C. Bronoro e Osmar Marini. Os suplentes foram: Ariovaldo Sponchiado, Ari Lando, Antonio Bonai e Almir Biasus.

Anelsi C. Danielli assume novamente em 01/01/2001 a 31/12/2004 com o vice Valdemir Ângelo Westerich, tendo no legislativo Baltazar N. Sponchiado, Noeli dos Santos, Vito Gubert, Pierina S. Sponchiado, Dilvan C. Palla, Mario Waess, Erony Salete Bonan Tomazzoni, Nilso Sbruzzi e Amarildo Gubert. Os suplentes que assumiram foram Almir Biasus, Darlei Bonai, Sezer C. Bronoro, José da S. Ribeiro, Erico dos Santos, Gilberto Julian, Jair T. dos Santos, Osmar Ravarena, Olívio Pergher e Alciro Bertol.

Valdemar Lorenzetti reassume a Prefeitura Municipal de Vargeão pelo período de 01/01/2005 até 31/12/2008 com o Vice José Paglia, tendo no legislativo os Vereadores; Celso Carlos Izotton, Darlei Bonai, Volnei Lando, Celso Cavalheiro, Celso Gubert, Cláudio Tiecher, Luiz Carlos Bonan, Sandra Loregian e Vito Gubert.

Em 2008, pela primeira vez, Vargeão apresentou três candidatos à disputa do Poder Executivo Municipal, onde Amarildo Paglia, foi eleito Prefeito pela primeira vez, disputando o pleito com o então candidato a reeleição Valdemar Lorenzetti e com o Ex- Prefeito Anelsi César Danielli. O quadro do Poder Executivo e Legislativo Municipal para o exercício de 2009 a 2012, assim ficou constituído:

Amarildo Paglia (PMDB) - Prefeito

Abilio Gubert (PT) - Vice Prefeito

Vereadores:

Alan Felipe - PP

Amarildo Luiz Gubert - PMDB

Carmem Raimundi - DEM

Caroline Batista - DEM

Claudio Tiecher - PP

Dilvan Carlos Palla - PMDB

Osmar Ravarena - PP

Volnei Lando - PMDB

Wilson Frozza – PP

O município conta com seis partidos registrados: Partido Progressista (PP), Partido Democrático (DEM), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido dos trabalhadores (PT), Partido Socialista Democrático Brasileiro (PSDB) e Partido Liberal (PL).

## **Lembranças**

Faz parte da história do município, o Museu Cônego Willibaldo Grunvald que está junto a Igreja Matriz São Pedro Apóstolo de Vargeão. Cônego Willibaldo nasceu em Pixounsteing na Prúcia Oriental, Alemanha, no dia 01 de janeiro de 1907. Coursou seus estudos no Ginásio Humanístico e na Faculdade de Filosofia de Braunsperg, também na Alemanha. Foi ordenado Sacerdote na Capela do Seminário Maior, na mesma cidade, no dia 04 de novembro de 1934.

Em 1935, deixou seus familiares e amigos na Alemanha e veio para o Brasil. Sua primeira residência foi na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. De 1935 a 1942 atuou auxiliando o Bispo Antônio Reis, em Arroio do Tigre-RS.

Foi 2º Vigário em Chapada-RS, de 1942 a 1951. Exerceu o sacerdócio na cidade de Mondaí-SC até 1955. Logo se instalou em Vargeão, onde atuou como Vigário até 1984. No dia 23 de janeiro de 1995, faleceu e foi sepultado na cidade de Vargeão no dia 24, no Cemitério Local.

O Museu Cônego Willibaldo Grunvald foi inaugurado no dia 23 de janeiro de 2004 com propósito de homenagear o Cônego Willibaldo por ter convivido com o povo de Vargeão durante quase 40 anos com simplicidade, desapego de bens materiais, verdadeiro amor ao próximo e fiel cumprimento do seu trabalho religioso. No Memorial, pode-se encontrar paramentos litúrgicos e outros objetos pessoais do Cônego, além de ser um ambiente com o aspecto da Capela Santa Cruz, local onde o Cônego celebrou suas missas nos últimos 12 anos de sua vida.

### **Localização**

Vargeão é um pequeno Município localizado no Alto Vale do Rio Irani, região Oeste do Estado de Santa Catarina. Limita-se ao Norte com Abelardo Luz, ao Sul com Ipumirim, ao Leste com Ponte Serrada e Passos Maia e ao Oeste com Faxinal dos Guedes

Pertencente a região da AMAI, a população do Município, com estimativa do IBGE em 2010 é de 3.535 habitantes. Entre os meios de comunicação estão: telefone com sistema DDD, dois canais de TV, Rede Record - Xanxerê e RBS TV - Chapecó, correio, telégrafo e internet. Os jornais de circulação, por meio de assinatura, são: Sul Brasil e Diário do Iguazu - Chapecó, Diário Catarinense - Florianópolis, A Notícia - Joinville, Gazeta Regional, O Diário e Folha Regional - Xanxerê. Revistas também são fontes de informações procuradas pelo município. Oito emissoras de rádio podem ser ouvidas na cidade: rádio Princesa e Difusora de Xanxerê; Nambá de Ponte Serrada; Rainha das Quedas de Abelardo Luz; 101 FM de Xanxerê; Atlântida FM de Chapecó; Alternativa FM de Faxinal dos Guedes e Bebedouro de Passos Maia. Como uma alternativa de comunicação, o município tem um serviço de alto-falantes para divulgação das informações da comunidade, é a Rádio Torre, um sistema de quatro alto-falantes implantado na torre da Igreja e 12 caixas de som no interior da igreja.

### **Eventos**

Para a realização de eventos, o município possui Centros Sociais como Clube Esportivo e Recreativo Palmeiras, Centro de Múltiplo Uso e Auditório Municipal,

locais destinados a encontros, reuniões, palestras, cursos de dança e apresentações em datas comemorativas. Três ginásios poliesportivos, um pertencente à escola estadual, outro à Igreja Matriz e um a Prefeitura Municipal, fazem parte do patrimônio da cidade, onde também acontecem eventos sociais.

Faz parte do patrimônio da cidade a Biblioteca Pública Municipal Guilhermina Mates Parizotto. O município pode contar também com Clube de Mães, quatro na cidade e 16 do interior que desenvolvem trabalhos artesanais e voluntários.

## **Educação**

O município conta com duas escolas municipais: Escola Municipal Fortunato Danielli, de primeira a quinta série e Escola Municipal Irineu Bornhausen, em Urumbeva, com alunos do pré a 8º série. O Centro de Educação Infantil Alencar atende crianças de 4 a 6 anos e a Creche Criança Sapeca atende crianças de 0 a 6 anos. O município também conta com a Escola de Educação Básica Kyrana Lacerda que atende alunos no ensino Fundamental e Médio.

Atualmente, a Prefeitura Municipal destina um ônibus para levar alunos do ensino superior para outras cidades e dois para o transporte de alunos e um para passageiros no interior do município.

## **Saúde**

Possui uma unidade Hospitalar, onde conta com 20 leitos para internação, laboratório, consultório médico e dentário. Na Saúde Pública Vargeão possui uma unidade sanitária na sede do município e Postos Municipais de Saúde na localidades de Urumbeva e Gramas que desenvolvem ações de saúde preventivas. O município conta com dois médicos e uma equipe que realiza trabalhos para o ESF - Programa de Estratégias da Saúde da Família. Para atendimento odontológico a população conta com um dentista que atende no posto e dois consultórios particulares. Há também um laboratório com bioquímico, onde são realizados a grande maioria dos exames do município de Vargeão.

## **Economia**

A base econômica do Município é constituída pela agricultura, pecuária, comércio e indústria. A primeira está representada pela agricultura mecanizada de médio porte e de pequenas propriedades rurais. Na pecuária, rebanhos de suínos, bovinos e aves, que vem contribuir para o desenvolvimento econômico do município. O comércio está caracterizado pela compra e venda de produtos coloniais, confecções e gêneros alimentícios. Na indústria conta com as extrativas, tendo como principal produto à madeira e a erva-mate, a qual no ano de 1988 ficou em destaque onde obteve uma extração de 45 mil arrobas.

Conforme o SDR de Xanxerê, em 1995, o município contava com 347 proprietários de terras. As áreas plantadas no município, conforme dados levantados em 2003, o milho ocupava 3.500 hectares, a soja 3.800 hectares, feijão 100 hectares, trigo 300 hectares, tritcale 300 hectares e uva 22 hectares de área plantada.

Em 2003, na área da silvicultura, foram extraídos 2.150 metros cúbicos de lenha e 2.000 metros cúbicos de madeira em torra. No total de rebanhos, destacando a pecuária leiteira, em 2003, eram 5.429 cabeças de bovinos, 383 mil aves, 843 ovinos e 17.542 suínos, além da piscicultura que possui 14.500 kg.

O município possui três agências bancárias: Banco do Brasil, Cooperativa Cresol e Cooperativa Valcredi, além de unidades de atendimento avançadas da Caixa Econômica Federal (Lotérica) e do Bradesco (correio).

## **Cultura**

Os costumes e valores são característicos étnicos italianos, destacando-se o chimarrão, jogos de baralho (canastra, truco, bisca, etc.), cozinha italiana, churrasco, bebidas alcoólicas (vinho, cachaça, cerveja); cantos italianos, folclore gaúcho, festas e bailes tradicionais, festas juninas, futebol, bocha, bolão, rádio e televisão.

A maioria das festas que acontecem são religiosas como a de São Pedro, Padroeiro da cidade, realizada em julho e a de São Cristóvão Protetor dos Motoristas, o qual tem uma imagem construída no alto de um morro. As comunidades também fazem parte deste calendário. Na semana, onde é comemorado o dia do município, 21 de abril, são realizadas festividades como Jantar Italiano, Janta da Ovelha, Mateada, Movimento Econômico, Festival e Dia Esportivo.

A gastronomia é baseada na culinária típica italiana. Com cardápio tradicional, cita-se o macarrão, lasanha, polenta com molho de galinha, tortéi, sopa de anholini e também o feijão e arroz brasileiro. No domingo, o churrasco é indispensável e o chimarrão é encontrado em todas as casas.

No município, os Símbolos Municipais são a Bandeira, o Brasão e o Hino do Município.

Características geográficas:

- área geográfica: 166,72 km quadrados
- acidentes geográficos: 31% terreno acidentado, 63% terreno ondulado, 6% terreno plano

Bacias hidrográficas principais: Rio Chapecozinho, Rio Ressaca e Lajeado Barra Grande.

O município possui solos do tipo Erechim, Serríaco, Charrua e Catanduvas.

O clima é do tipo úmido, sem estação seca, a temperatura média de verão 20° e no inverno é de 3° acima de zero.

A precipitação pluviométrica anual é de 195 mm/ano, sendo os meses de maior ocorrência de abril a junho e os de menores, em dezembro, janeiro e fevereiro. A altitude máxima é de 750 metros, a latitude é de 26°51'18" e a longitude é de 52°07'42".

**Disponível em:** <http://www.vargeao.sc.gov.br/home/index.php?>. Acessado em 30 dez. 2011.